

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

ALINE DE ASSUMPÇÃO RIBEIRO

**“HÁ TEMPOS O ENCANTO ESTA AUSENTE”:
LEGIÃO URBANA NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

SÃO PAULO
2013

ALINE DE ASSUMPÇÃO RIBEIRO

**“HÁ TEMPOS O ENCANTO ESTA AUSENTE”:
LEGIÃO URBANA NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Monografia apresentada à banca examinadora do Curso de Pós Graduação Lato Senso de Especialização em Ensino de Geografia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Geografia, sob a orientação da professora M^a Marina Castro de Almeida.

SÃO PAULO
2013

Dedico este trabalho àquela cuja vida me dedicou, que não poupou esforços para realizar meus sonhos, que sofreu por minhas angústias e vibrou por cada uma de minhas vitórias, ao meu maior exemplo de vida, garra e coragem, à quem considero simplesmente o melhor ser sobre a face da Terra, e diante da pequenez das palavras, só tenho a dizer

Te amo Mãe!!

AGRADECIMENTOS

Sou infinitamente grata a Deus por inúmeras realizações e conquistas ao longo da vida, por tudo o que sou, pelas experiências e aprendizados, sobretudo pela força na fase tão difícil que atravessei durante a realização do presente trabalho.

A professora e orientadora Marina Castro de Almeida pelo auxílio na presente Monografia, além de infindáveis contribuições para minha formação.

Ao professor Carlos Francisco Gerencsez Geraldino pelo apoio durante a execução do trabalho, desde a definição do tema até sua finalização.

A todos os professores cujas contribuições foram fundamentais para minha formação em especial a Rosane Laurindo onde o incentivo e admiração resultou em minha opção pela Geografia, um enorme apreço a professora Maria Alice Oliva de Oliveira que sempre me apoiou na graduação e auxiliou em meu primeiro ano de magistério, ao professor Mauro Luiz Peron que além de suas contribuições forneceu algumas das referências utilizadas nesse trabalho.

A todos os estimados colegas que me apoiaram e incentivaram para superar as dificuldades da trajetória acadêmica, sobretudo aos queridos Lidianne Santos, Guilherme Menzl, Magali Cristina, Adriana Gallão e Ana Carolina Robles.

A amiga tão especial Anna Paola Braga Santine pelas inúmeras leituras e revisões dos textos e pelas produtivas conversas e risadas nos momentos de maior exaustão.

As amigas Graziela Dias, Adriana Melo Oliveira e Vera Aparecida Aguiar pela atenção, apoio e auxílio com o Abstract.

Aos meus amados pais Belizário e Faustina por todo o amor, apoio e compreensão, não apenas durante esse trabalho, mas desde meu primeiro instante de vida, cujos exemplos e ensinamentos proporcionaram o que existe de melhor em meu ser.

Ao tão querido irmão William que apesar dos inúmeros desentendimentos durante a adolescência foi o principal responsável por meu interesse pelo Rock, principalmente pela Legião Urbana.

A todos os meus mais sinceros agradecimentos.

*Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria.*

*Renato Russo, adaptação da
(I carta de São Paulo aos Coríntios)*

RESUMO

RIBEIRO, Aline de Assumpção. *“Há tempos o encanto está ausente”: Legião Urbana no Ensino de Geografia*. Monografia (Especialização em Ensino de Geografia) - Departamento de Geografia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

A presente monografia tem como objetivo propor maneiras de diversificar as aulas de Geografia, despertando no estudante o interesse e aguçando seu olhar geográfico, para tal se optou pela utilização da música enquanto recurso didático pedagógico que aproxime o estudante à disciplina, precisamente as músicas da banda de Rock Legião Urbana por sua familiaridade e identidade com público jovem, pois apesar de ser uma banda da década de 1980, sua linguagem e questionamentos são atuais, atravessando gerações e alcançando cada vez mais adeptos. Estruturada em três capítulos que se destinam a compreender a importância da música em sala de aula e como ela pode contribuir com o ensino da Geografia, compreender o contexto histórico social do Brasil na época de formação da banda, analisando e transformando o material produzido pela banda em recursos didáticos pedagógicos para os mais diferentes conteúdos da disciplina geográfica.

Palavras chaves: Geografia; ensino; música; Legião Urbana.

ABSTRACT

RIBEIRO, Aline de Assumpção. “There are times the beauty is missing”: Legião Urbana in the teaching of Geography. Monograph (Specialization in Teaching Geography) – Department of Geography, Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo, 2013.

This monograph aims to propose ways to diversify Geography lessons, arousing the student's interest and sharpening their geographic look, for this it was decided for use of music as a pedagogical teaching resource that approaches the student to the discipline, precisely the songs of the rock band Legião Urbana, for their identity and familiarity with young audience, because despite being a band of the 1980s, their language and questions are current, crossing generations and reaching ever more fans. Divided into three sections which are intended to grasp the importance of music in the classroom and how it can contribute to the teaching of Geography, understand the historical and social context of Brazil at the time of formation of the band, analyzing and transforming the material produced by the band in didactic teaching resources for the most diverse contents of the Geographical discipline.

Keywords : Geography , teaching , music , Legião Urbana.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
I. A MÚSICA E O ENSINO	12
A MÚSICA E A GEOGRAFIA	16
II. O SURGIMENTO DO ROCK E DA LEGIÃO URBANA.....	21
DISCOGRAFIA DA LEGIÃO URBANA	25
III. A GEOGRAFIA PRESENTE NA LEGIÃO URBANA.....	28
PETRÓLEO DO FUTURO	28
GERAÇÃO COCA-COLA	32
TEMPO PERDIDO.....	34
MÚSICA URBANA 2.....	36
FÁBRICA.....	38
ÍNDIOS.....	40
QUE PAÍS É ESSE?	44
FAROESTE CABOCLO.....	46
ANGRA DOS REIS	52
A CANÇÃO DO SENHOR DA GUERRA	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	63
ANEXO.....	68

INTRODUÇÃO

As aulas de Geografia na educação básica são vistas pela maioria dos educandos como desinteressantes, sem relação com sua realidade, abordando assuntos cansativos que não lhe despertam o mínimo de curiosidade, vale ressaltar que este desinteresse não tem sido exclusividade da Geografia, a escola de maneira geral é algo distante da realidade do aluno, onde conhecimentos fundamentais para sua formação enquanto indivíduos lhe são apresentados em uma fase da vida onde o adolescente não tem maturidade suficiente para compreender sua devida importância.

Os conteúdos na escola apreendidos são desconexos do mundo real, dito isso, pois é dessa forma que o aluno enxerga a escola, como algo que não faz parte de sua vida, é uma obrigação que termina assim que se cruzam os portões e este volta para sua vida, onde as tecnologias e informações são muito mais interessantes do que ficar sentado em fileiras, dentro de quatro paredes ouvindo alguém falar.

Diante desse empasse entre o suposto mundo real e a escola, precisamente na maçante aula de Geografia, o presente trabalho tem como objetivo despertar no estudante o interesse pela Geografia e aguçar seu olhar Geográfico, para tal se optou pela utilização da música enquanto recurso didático pedagógico.

Primeiramente é importante compreender como a utilização da música em sala de aula pode se tornar uma ferramenta aliada do professor e possibilitar que ele dinamize suas atividades, tornando-as mais prazerosas, despertando o interesse e a criatividade do educando para facilitar e de fato promover o processo de ensino aprendizagem. Dentre as diversas possibilidades que a música oferece o gênero escolhido para a realização da pesquisa foi a música popular, dentre suas variações e estilos o Rock Nacional, em particular a banda brasiliense Legião Urbana.

A opção pela Legião Urbana deve-se a sua representatividade no cenário nacional e pela singularidade de suas letras, que abordam os mais diversos assuntos como problemas políticos, interesses econômicos com críticas sociais bastante contundentes, muitas vezes apresentada de maneira explícita ou ainda de forma bastante sutil deixando-as subentendidas. A Legião Urbana assim como outras bandas de Brasília destacam-se no cenário musical nacional, formada na capital do país durante a década de 1980, no contexto de redemocratização do país, após os anos de repressão da ditadura civil militar; compreender o

contexto histórico social do país e desses jovens atrelado a sua localização é compreender a Geografia da Legião Urbana.

Aliar o vasto material produzido pela banda, transformando-os em recursos didáticos pedagógicos para os mais diferentes conteúdos da disciplina geográfica é o principal objetivo do trabalho.

Para a efetivação da pesquisa foram selecionadas 10 canções de diferentes momentos na carreira da banda, a escolha das mesmas deve-se a diversidade de assuntos que podem ser abordados, tanto no Ensino Fundamental II quanto no Ensino Médio, vale ressaltar que esse trabalho não tem a pretensão de se tornar um manual de como utilizar as letras da Legião Urbana e sim propor sugestões, apontar questionamentos a fim de contribuir com a dinamização e facilitação da prática docente em Geografia.

O trabalho está estruturado em três capítulos, onde o primeiro se desdobra em compreender a importância da utilização da música em sala de aula e como este recurso pode contribuir para o aprendizado do aluno, sobretudo a utilização da música atrelada ao ensino de Geografia utilizando-a como ponto de partida para compreender as diferentes representações e interpretações sobre o mundo, para tal foram levantados diversos autores que já utilizam e defendem essa prática em sala de aula; ainda no primeiro capítulo é discutida a contribuição da Teoria das Inteligências Múltiplas defendida por Gardner, onde o autor aponta oito diferentes inteligências que podem ser despertadas e potencializadas no processo de ensino-aprendizagem, diferente da tradicional valorização de apenas duas inteligências, que são a linguagem e a lógico matemática.

O segundo capítulo tem como objetivo conhecer um pouco sobre a banda, compreendendo o contexto histórico social que o país atravessava durante a época de sua formação (década de 1980) e como a capital do país ofereceu subsídios, servindo de inspiração para muitas de suas letras. Brasília era famosa por possuir poucas opções de lazer e diversão, repleta de imigrantes vindos dos mais diversos recantos do país, e os jovens principalmente aqueles que estavam acostumados com cidades mais movimentadas eram os que mais sentiam o marasmo de Brasília, possibilitando assim que esses jovens entediados, que cresceram sobre o período de maior repressão da história do país, encontrassem na música seu principal meio de expressão e contestação, é importante ainda destacar que esses jovens eram de classe média, e seu acesso ao idioma estrangeiro e as viagens ao exterior foram fundamentais para acompanhar o que se passava com o Rock Internacional.

O terceiro capítulo é o coração da pesquisa, desdobra-se em analisar as músicas da Legião Urbana, a fim de que possam ser utilizadas para abordar diferentes temas e conteúdos do

ensino de Geografia, desconstruindo o caráter classificatório, memorativo e desconexo da realidade do educando, ensinando Geografia por meio de algo prazeroso como ouvir uma boa música, ainda mais o Rock que a princípio não teria nada de geográfico, possibilitando uma melhor interação do educando com o conteúdo, despertando as mais diversas indagações, levando sempre em consideração suas opiniões e preferências, educando seu olhar geográfico para o mundo, desnaturalizando e questionando supostas verdades que vem prontas para serem transmitidas, muitas vezes encontradas em livros didáticos ou através dos meios de comunicação, promovendo de fato um ensino geográfico e contemplando uma maior aprendizagem por parte dos educandos.

I. A MÚSICA E O ENSINO

“O conhecimento, quando é passado com sensações, fica mais interessante e mais fácil de ser internalizado”. (GODOY, 2009).

O primeiro capítulo tem como objetivo contextualizar o leitor a cerca do quanto importante é a utilização da música em sala de aula e como a música pode contribuir na aprendizagem do aluno.

As atividades musicais estimulam a memorização, auxiliam na resolução de tarefas e raciocínios espaciais na capacidade de atenção e concentração, sendo músicos ou não, todos podem aprender com a música. (BIGAND, 2005).

A linguagem textual pode ser potencializada com a utilização da música, pois esta envolve os sentimentos, a subjetividade como afirma Correia (2010), a música pode ser utilizada em diversos momentos do processo de ensino-aprendizagem, tornando-se um importante instrumento na busca pelo conhecimento, pois ela incentiva a participação, cooperação e um maior envolvimento de todos, auxiliando assim a democratização do ensino.

Segundo Kong “a difusão da música na sociedade é excepcional. Não existe uma sociedade em que não haja música. A música está presente no cotidiano das pessoas”. (apud CASTRO 2009, p.13).

Diante dessa difusão e alcance a música torna-se um instrumento democrático, pois sua abrangência enquanto recurso é muito maior e o resultado que se reflete na aprendizagem, se bem trabalhado pode ser muito melhor, sua utilização independe da localização ou condição econômica da escola, tampouco de se tratar de uma instituição pública ou privada, pois a música é algo que pode ser trabalhado com as mais sofisticadas tecnologias de uma escola com muitos recursos, ou com uma caixinha de som portátil, em uma escola que não se tem ao menos rádio ou tomada funcionando. “Qualquer ser humano pode ouvir ou ver música, não importando sua situação financeira ou sua capacidade de tocar um instrumento ou cantar”. (PAULA, 2004, p. 08).

Muito além de sons que se destinam a mera distração, a música é uma linguagem, desperta comportamentos, vontades, traz atona aflições; diversos autores apontam para o caráter emancipatório da música como se pode perceber em Schaller:

A música é muito mais que um simples conjunto de sons que se unem em uma melodia. Ela penetra nossa pele, provoca arrepios de prazer ou nos faz mergulhar em doces lembranças. Algumas melodias não nos tocam,

enquanto outras nos atingem diretamente e podem até mesmo transmitir significados concretos.

“O cérebro de todo ser humano se interessa muito por informações musicais e é extremamente habilidoso em compreender seu significado”. (apud CORREIA, 2009, p. 59)

A escola tradicionalmente tem se caracterizado pelo imaginário de que o professor é detentor de conhecimento e uma boa aula seria aquela onde só o professor fala e aluno escuta, e as mais importantes aprendizagens seriam o domínio da linguística e a lógico matemática, sendo considerado inteligente o aluno que domina essas aprendizagens.

Um grande erro constantemente cometido pelos professores é analisar o grupo de alunos como um só, os alunos são diferentes, aprendem de maneira diferente e essas diferenças precisam ser consideradas, como afirma Scarpato “um professor concebendo que cada aluno é um aluno, que cada um aprende de maneira diferente e com ritmos próprios, precisa propor em suas aulas situações para que eles vivenciem diferentes atividades”. (2012, p. 72).

Gardner (apud SCARPATO, 2012) em sua teoria das Inteligências Múltiplas (IM) afirma que cada pessoa aprende de uma forma diferente e não só a linguística e a lógico matemática devem ser valorizadas no processo de ensino- aprendizagem.

A teoria das Inteligências Múltiplas contribui para a reflexão de quanto a valorização de apenas duas dessas inteligências tornam-se ineficientes e pouco expressam sobre o desenvolvimento e aprendizagem do aluno, porque desmistifica que a inteligência é um talento, nascemos com ela ou não; o professor sempre comete o equívoco de lembrar o quanto alguns alunos são talentosos para determinadas atividades, mas não possuem nenhuma inteligência para outras.

Gardner (ibidem) afirma que a inteligência é o resultado dos fatores genéticos (potencial biológico) mais a capacidade de resolver problemas (fator social - o meio), e que todo ser humano nasce com potencial para desenvolver todas as inteligências, depende dos estímulos e oportunidades que recebe para desenvolve-las ou não.

Diferente de valorizar apenas as inteligências linguísticas e a lógico matemática, a teoria das Inteligências Múltiplas estuda oito diferentes inteligências, sendo elas:

- 1- Linguística
- 2- Lógico matemática
- 3- Espacial
- 4- Cinestésico-corporal
- 5- Interpessoal

6- Intrapessoal

7- Musical

8- Naturalista

As discussões sobre as Inteligências Múltiplas trazem reflexões e questionamentos sobre outras possibilidades de aprendizagem que são menosprezadas na escola, do quanto a escola é arcaica, perdida em séculos passados, enquanto o professor está diante de crianças e adolescentes cada vez mais ligados ao presente e futuro; essa pode se tornar uma das muitas causas para as questões de indisciplina que tanto interferem no dia a dia da sala de aula.

Pois como afirma Vieira:

A educação permanece essencialmente inalterada: continuamos a confundir um amontoado de fatos com o conhecimento; muitos professores insistindo em permanecer em posição frontal diante de suas classes, transmitindo seus poucos conhecimentos. Essa situação é, provavelmente, uma das principais responsáveis pelo baixo rendimento dos alunos e da falta de interesse destes pelo ensino. (apud PAULA, 2004, p.07).

Scarpato (2012) afirma que o processo de ensino aprendizagem deve explorar os cinco órgãos do sentido, e os mais variados recursos podem possibilitar o aprendizado e estimular esses órgãos, sendo eles: visuais, audiovisuais, visuais táteis, olfativos, paladares e auditivos com as músicas e gravações, onde se enquadram os seguimentos dessa pesquisa, um aluno que muitas vezes poderia não responder corretamente ao esperado na lógica matemática ou na linguagem, pode compreender e desenvolver de maneira excelente a inteligência musical, compreendendo a ideia central e a mensagem da música, abstrair e interpretar a letra, levantar indagações, lhe provocar questionamentos.

Em muitos casos o que se espera ou aquele que é considerado como bom aluno é o que está sentado copiando e ouvindo; porém diante de tantas inteligências a serem consideradas, o professor não pode se focar em apenas duas, o aluno está diante de situações e informações o tempo inteiro, e precisa saber lidar com elas, uma boa aula não pode ser apenas aquela que todos estejam sentados ouvindo o que o professor tem a dizer, e sim quando os alunos estão refletindo, questionando, movimentando-se, construindo o aprendizado, e não recebendo informações e depositando-as como em uma gaveta vazia, pois como salienta Pereira:

A introdução de novas técnicas didático-pedagógicas é de fundamental importância para que ocorra uma mudança na prática de ensino, ultrapassando o método do ensino “bancário”, ressaltado por Paulo Freire (1994), no qual o professor apenas repassa os conteúdos e os alunos apenas reproduzem o que lhes foi repassado, sendo a educação caracterizada como um instrumento de opressão. (2011, p.89).

Esse padrão tem sido adotado e reproduzido pelos professores até os dias atuais, onde muitas vezes, até involuntariamente este se vê repetindo influências que recebeu de seus professores, sejam essas referências positivas ou negativas, no entanto, existe mais no processo ensino-aprendizagem do que um falando e outro ouvindo, se não existisse não haveria sentido permanecer nessa profissão.

Segundo Scarpato (2012) é função da escola e do professor despertar opções para o enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem e explorar nos alunos o significado e prazer pelo novo aprendizado, para tal os diferentes procedimentos e recursos devem servir de apoio.

O Professor precisa acreditar nas mudanças e nos diferentes procedimentos para se alcançar o aprendizado, com conteúdos partindo da realidade de seus alunos para que de fato esse aprendizado faça sentido, além de diversificar as aulas, e nesse contexto a música como recurso didático pode se tornar grande aliada do professor.

O uso da música como instrumento didático pedagógico enriquece o trabalho em sala de aula, por dinamizar as atividades e as tornar prazerosas, tendo como objetivo promover uma maior interação entre os alunos e o conhecimento, despertando também maior interesse pelas aulas, e pelo aprendizado, a partir de atividades atrativas, que promovam o conhecimento. (SCHROEDER, 2008).

O mais importante é repensar a prática docente, para buscar a melhor forma de garantir a aprendizagem do aluno, buscando um desenvolvimento integral¹, que de fato o aluno aprenda e se desenvolva de todas as formas, saiba questionar e se colocar, torne-se um cidadão crítico e reflexivo e não um ouvinte passivo e inerte.

Para Muniz (2012) cabe ao professor criar possibilidades de utilização dos diferentes recursos no processo de ensino-aprendizagem, afim desenvolver as habilidades e competências de acordo com as particularidades de seus alunos, no entanto as variedades de recursos disponíveis não podem substituir o papel do professor, não basta utilizar a música, é preciso problematiza-la, despertar a criticidade e a criatividade do aluno.

Atualmente se tem a urgência do professor reavaliar-se e atualizar-se constantemente, questionando-se que tipo de aluno pretende formar? Um aluno passivo a tudo que está diante de seus olhos e inerte ou um cidadão crítico atuante e reflexivo, e para tal oferecer as bases e os fundamentos necessários?

¹ SCARPATO, Marta. Didática e desenvolvimento Integral, Avercamp.

Só quando o professor tiver clareza de qual é seu objetivo, pode reestruturar seu processo de ensino e eficientemente promover a aprendizagem de seus alunos.

A música e a Geografia

A Geografia passou por diversas mudanças ao longo dos anos, desde a Geografia Tradicional que só possibilitava ao estudante a memorização das informações, preocupada em descrever os fatos e fenômenos até a Geografia dos dias atuais que em tese propicia ao aluno ir além da descrição, buscar explicações e questionamentos sobre as transformações do mundo. (SANTOS, F; SILVA, R, 2008).

Apesar de toda a mudança e constante transformação a geografia ainda carrega essa ideia de “simplória e enfadonha”, como já apontava o geógrafo Yves Lacoste em sua clássica obra de 1929 “A Geografia, isso serve em primeiro lugar a para fazer a guerra”, nela o autor questionava essa suposta neutralidade, de uma disciplina “que nada havia de aprender bastando apenas a memorização dos fenômenos” (2008, p. 21)

Como afirma Pereira:

A disciplina de Geografia, apesar de sua importância para uma melhor interação do ser humano com a natureza e com os problemas que o circundam, vem sofrendo com um velho preconceito que a classificou como mnemônica e, portanto, chata e sem importância. Desse modo, o professor tem um papel fundamental, que é desmistificar o estigma que carrega esta área do conhecimento, através de uma mudança no modo como os conteúdos programáticos são trabalhados em sala de aula. (2011, p. 88).

O desinteresse dos alunos e o descrédito que geografia enfrenta é bem observado por Kaercher:

Os alunos pensam que a Geografia é coisa da escola e dos professores de Geografia e relata que o ensino desta disciplina é árido, classificatório, distante da realidade, acentuadamente baseada na memorização, conteudista e muito presa aos livros didáticos. (apud CORREIA, 2009, p. 16).

Os livros didáticos não acompanharam as evoluções da geografia, ou seja, não levam o aluno a pensar, questionar e construir o seu próprio conhecimento. As informações ali contidas vêm prontas para serem decoradas. Não são oferecidas informações necessárias ao aprendizado dos alunos e em alguns casos as informações apresentadas são errôneas. (SANTOS, F; SILVA, R, 2008).

Em muitos livros didáticos é frequente a separação entre os elementos ditos humanos dos elementos da natureza, onde os capítulos são visivelmente separados por natureza-homem-economia, como se um assunto fosse completamente distinto do outro sem a menor

relação entre si, sem contar aqueles que “tratam os assuntos de forma superficial, evasivos, diluídos em assuntos abrangentes que não retratam de forma mais cuidadosa os conteúdos específicos da disciplina”. (CORREIA, 2009, p. 13).

Pior do que livros didáticos de má qualidade, ou errôneos é a maneira como são trabalhados em sala de aula, pois muitas vezes este acaba se tornando para o professor sua “principal fonte de informação, levando a um abuso da sua utilização, ao seguir a risca a sua sequência e desenvolvendo os conteúdos ali apresentados superficialmente”. (SANTOS, F; SILVA, R, 2008, p.101).

Seja qual for o conteúdo o professor não pode se agarrar ao livro didático como uma tábua de salvação, a criticidade deve partir do professor, e este precisa ter clareza em seus objetivos (o que pretende ensinar com determinados conteúdos), saber quais os propósitos pretende alcançar, para então definir quais procedimentos serão mais proveitosos para abordar os diferentes conteúdos.

O professor pode e deve encarar o manual não como o definidor de todo o seu curso, de todas as suas aulas, mas fundamentalmente como um instrumento que está ao seu serviço, a serviço de seus objetivos e propostas de trabalho. Trata-se de usar criticamente o manual, relativizando-o, confrontando-o com outros livros, com informações de jornais e revistas, com a realidade circundante. Ao invés de aceitar a “ditadura” do livro didático, o bom professor deve ver nele (assim como em textos alternativos, em slides ou filmes, em obras paradidáticas etc) tão somente um apoio ou complemento para a relação ensino-aprendizagem que visa a integrar criticamente o educando ao mundo. (VESENTINI, 1995, p. 167).

Correia (2009, p. 22) ressalta “a dificuldade de entendimento dos conteúdos geográficos por parte dos alunos e que estes devem ser abordados de forma mais clara e objetiva para que os estudantes possam entendê-los”. Em uma pesquisa realizada pelo autor com alunos da primeira série do ensino médio de escolas públicas no estado do Paraná, quando questionados sobre as aulas de geografia estes resumiram ser: “monótonas, repetitivas, chatas, enfadonhas, muito teóricas e expositivas”.

As respostas obtidas só reforçam esse papel maçante, descritivo e memorativo que a geografia tem reforçado ao longo dos anos, desfazer esse modelo, desmistificar essa imagem é a principal obrigação dos professores de Geografia da atualidade, pois como salienta Muniz:

O professor precisa mediar o processo de aprendizagem e ter domínio da ferramenta a ser utilizada, tornando o conteúdo mais didático, procurando transformar o aluno de simples espectador, de mero e passivo receptor em sujeito crítico do conteúdo em estudo, despertando seu olhar geográfico. Se a utilização do recurso não tiver o fim de provocar reflexões e estimular a criticidade, participação e o desenvolvimento de habilidades e competências, o tradicionalismo ainda permanecerá na sala de aula, ocorrendo somente

uma substituição de recursos, mas permanecerão velhas práticas que cegam os que desconhecem a importância da educação geográfica. (2012, p. 91).

A música assim como os demais recursos didáticos, se usados adequadamente ajudam na problematização dos conteúdos e na criatividade dos alunos, portanto precisa ser encarada como auxiliar do professor, para que este atinja o maior número de alunos e desperte suas “Inteligências Múltiplas”. “O papel da música no ensino da geografia é elucidar, clarear e enfatizar os assuntos relativos à Geografia, aumentando o interesse dos jovens e, portanto sua compreensão dos temas”. (GODOY, 2009, p. 07).

Aliar essa facilidade de assimilação encontrada nos mais diversos gêneros musicais às propostas metodológicas e curriculares da Geografia pode gerar bons resultados. Dificilmente se encontrará algo mais atrativo, entre crianças e jovens, do que o compartilhar suas preferências, sua reprovação ou aprovação às obras musicais, com seus colegas e professores. Silva et al. (apud GODOY, 2009, p. 07)

Para Kong a música pode contribuir nas discussões envolvendo conceitos como paisagem e lugar:

[...] A música é capaz de transmitir “imagens” de um lugar, podendo servir como fonte primária para entender o caráter e a identidade dos lugares [...] a música pode servir como um meio, um veículo, através do qual as pessoas transmitem suas experiências ambientais, seja do cotidiano ou de um fato extraordinário, sendo útil para enriquecer discussões que envolvem noções como “espaço”, e “lugar”. (apud CASTRO, 2009, p. 13)

A Geografia preocupa-se demasiadamente com o domínio do visível, acabando pelo detrimento dos demais componentes das paisagens e lugares, como afirma Smith:

“A geografia humana está envolvida com uma política cultural que, quer explorando o legado do iluminismo (ver é acreditar) ou os presságios do pós-modernismo (imagem é tudo), permaneceu mergulhada na ideologia visual. Os sentidos de olfato, tato, paladar e audição têm sido negligenciados como uma consequência da ênfase na visão” [...] ainda hoje muitos geógrafos definem paisagem, por exemplo, como “a porção visível do espaço”, ou “tudo aquilo que se vê”, como se na paisagem também não existissem sons, cheiros ou sabores. (apud CASTRO, 2009, p.13).

“O que se propõe não é o abandono da Literatura ou do estudo dos textos clássicos, mas apenas a construção de uma ponte entre aluno e professor, dando ao estudante instrumentos para a realização da leitura como necessidade e prazer da vida”. Menezes et al. (apud MUNIZ, 2012, p. 81).

A utilização da música em sala de aula é uma maneira para abordar os conteúdos, até então vistos pelos alunos como exaustivos e sem importância, tornando-o algo prazeroso e no mínimo interessante, “a música terá a função de trazer às aulas de Geografia novas

possibilidades e sensações, tornando-as mais atraentes e de fácil assimilação”. (GODOY, 2009, p. 09)

Deve ser objetivo do professor, atingir o maior número de alunos, despertar as mais diversas inteligências, desfazer o paradigma de que geografia é algo maçante, tornando-a mais atrativa para esse adolescente e jovem que é grande parte do público destino das aulas de Geografia, que são alunos do Ensino Fundamental II e Médio, fazendo-o refletir e enxergar que a Geografia não é uma disciplina “simplória e enfadonha”, e sim que está presente em tudo, desde que se eduque o olhar para ela.

A música serviria à Geografia tanto com suas letras, quanto com suas propriedades e características como ritmo, timbre, intensidade, altura, duração. O compositor da música também deve fazer parte do estudo, sendo inserido em seu contexto social, cultural e regional. O autor diz sobre o que quer realçar, fala de tempos, de lugares, de acontecimentos. Lacerda (apud GODOY, 2009, p. 06).

Paula (2004, p. 09) chama atenção para o “perigo de se realizar apenas uma produção artística com a utilização da música, sem ressaltar os conteúdos disciplinares existentes” e sugere três objetivos do uso de músicas no ensino de Geografia:

- A apreciação de músicas de forma crítica e não apenas como lazer;
- A contextualização da música, levando em conta que esta é um produto cultural e histórico-geográfico;
- A produção (composição e interpretação) de músicas que tenham relação com os conteúdos de geografia. (ibidem)

PEREIRA (2011) ressalta que os equipamentos não podem ser priorizados pela metodologia de aprendizagem, apenas pelo seu simples domínio e uso. São as formas de explorar suas possibilidades que se tornam alternativas didáticas.

“Os geógrafos foram, durante muito tempo, profundamente elitistas em seus interesses, ou seja, privilegiou-se em demasia a cultura das elites em detrimento da cultura popular”. Kong (apud CASTRO 2009, p.12)

Corrêa (1998, p. 59) afirma que a música popular é um “amplo campo, pouco explorado, para os geógrafos brasileiros”.

Nesse ponto é importante destacar a classificação por gênero musical segundo Schroeder (2008, p. 04, 05).

Música Étnica:	Também chamada de tradicional, feita pelos povos que vivem de forma primitiva, com grande ligação com a natureza.
-----------------------	---

Música Folclórica:	Feita pelas comunidades rurais e tendo compositor anônimo, associada a fortes elementos culturais de cada sociedade. Normalmente são associadas a festas folclóricas ou rituais específicos. Pode ser funcional (como canções de plantio e colheita ou a música das rendeiras e lavadeiras). Normalmente é transmitida por imitação e costuma durar décadas ou séculos. Incluem-se neste gênero as cantigas de roda e de ninar.
Música popular:	Feita nos centros urbanos, com autor conhecido e certo apoio da mídia. Associada aos movimentos culturais populares. É a música do dia a dia, tocada nas festas, usada para dança e socialização de acordo com a instrumentação, características musicais predominantes e o comportamento do grupo que a pratica ou ouve.
Músicas criadas pela indústria cultural:	Muitas vezes feitas com estruturas de fácil assimilação, com total apoio da mídia, desaparecendo do mercado e sendo substituídas rapidamente.
Música Erudita:	Rompem ou seguem determinados padrões de composição de diversas épocas. Seus adeptos consideram que é feita para durar muito tempo e resistir a modas e tendências. Em geral exige uma atitude contemplativa e uma audição concentrada.

Organizado pela autora.

Tendo em vista a importância da música para o ensino, pois “nenhuma linguagem está mais próxima do jovem do que a música. Com ela, independente da nacionalidade, consegue-se dizer tudo aquilo que o outro pode facilmente entender” (SILVA; SILVA, 2007, p. 08) e em especial a música para a Geografia, se optou pelo Rock enquanto uma vertente da música popular, como uma linguagem familiar da juventude que é o principal público ao qual se destina o presente trabalho.

II. O SURGIMENTO DO ROCK E DA LEGIÃO URBANA

“O rock dos anos 80 possui um terreno fértil para discussões, análises e questionamentos. Pela sua multiplicidade e criatividade”. (PRADO, 2011).

O segundo capítulo desdobra-se em um breve histórico a cerca do surgimento do Rock, em particular o Rock Brasileiro e de como surgiu a banda Legião Urbana na década de 1980, banda esta, escolhida para efetivação de sua aplicação ao ensino de Geografia, porém antes de iniciar as discussões a cerca do surgimento e discografia da banda, se faz necessário um resgate de seu contexto histórico e social, para então melhor compreender a importância da utilização de suas letras em sala de aula.

Enquanto gênero musical, o rock tornou-se uma verdadeira revolução na música popular, primeiramente nos Estados Unidos e posteriormente influenciando e incentivando a produção em todo o mundo. É um ritmo que permite a integração do conjunto com o público, “procurando estimulá-lo a sair de sua convencional passividade”. (SILVA, R; SILVA, E., 2007, p. 07).

O surgimento do rock nos Estados Unidos entre as décadas de 1940 e 1950 remete-se ao período histórico social vivido pelo mundo (pós Segunda Guerra Mundial, divisão bipolar do mundo Capitalismo x Socialismo), passado esse período é que “o Rock foi associado ao movimento antiguerra surgido contra a nuclearização do planeta. E neste comportamento dos jovens, a luta pela vida e pela dignidade de todos os povos”. (SCHROEDER, 2008, p.08)

Antes da década 1950 o rock não era visto como expressão cultural típica da juventude e sim associado às classes baixas urbanas, e só a partir da década de 1950, que o rock deixa de ser algo destinado exclusivamente aos negros pobres dos EUA, para tornar-se o idioma universal da juventude, sobretudo dos jovens brancos, a partir das décadas de 1950 e 1960 o jovem passa a ser visto como consumidor em potencial, pois este período é conhecido como a Idade de ouro do capitalismo, principalmente na Europa, EUA e Japão. (MÜHLSTEDT, 2004).

O rock então sai da periferia levando consigo os protestos e a ruptura dos padrões convencionais de comportamento, pois muito mais que um gênero musical, o rock tornou-se um estilo de vida, uma maneira de contestar fatos e acontecimentos, com canções que geralmente proporcionam ao público diversas reflexões, sobretudo questionamentos e que

buscam contextualizar em suas letras os acontecimentos históricos e sociais do momento de sua confecção. (SILVA, R; SILVA, E., 2007).

Os sentimentos que moveram as juventudes nesse período foram muito mais subjetivos do que sociais. A liberdade tão procurada antes mostrava-se palpável; agora com o processo de abertura política e as identidades e identificação assimiladas por essa parcela da população urbana, não podiam estar fechadas dentro de nenhum modelo pré-determinado por quem quer que fosse. A liberdade de ser ou não ser, gostar ou não gostar, querer ou não querer passou a estar acima de qualquer ideologia política e social. O mundo assistia a derrocada do socialismo e a nova Ordem Mundial, produzida pela globalização, que se auto proclamava avassaladoramente redentora do capitalismo, o que aclamava a falência de projetos modernizantes em países como o Brasil. (RAMOS apud PRADO, 2011, p. 11)

“Com a realização do Rock In Rio, em 1985 o Brasil entrou na rota das turnês das bandas internacionais e os roqueiros brasileiros tiveram noções de profissionalismo com relação à produção dos shows”. (SILVA, R; SILVA, E., 2007, p. 10).

Muhlstedt destaca que “o rock no Brasil dos anos 80, não se apresenta com as mesmas características que o consagrou como gênero musical por excelência da juventude da década 1960 principalmente nos EUA”. (2004, p. 02).

A juventude dos anos 80 ansiava por mudar o mundo ao seu redor [...] encontramos, nas composições do movimento roqueiro da década de 80, reivindicações que ampliam a esfera da contestação, exigindo melhorias em relação à totalidade e universalidade da vivência. (PRADO, 2011, p. 11)

“No rock, o protesto se evidencia nem tanto pela forma explícita das letras, evocando fatos ou episódios nefastos, mas principalmente pelo tema que elas indiretamente abordam, confrontando padrões ou agredindo costumes e convenções”. (SILVA, R; SILVA, E., 2007, p. 08).

Muhlstedt aponta que “a geração nascida sob o estigma da ditadura militar, a qual não sabia o que era viver num país livre da censura. Era também uma geração que não se enxergava na música brasileira” (2004, p. 09), para a autora as bandas dessa época “podem ser consideradas desengajadas ao se pensar num projeto”, sendo importante destacar que esses jovens eram de classe média, filhos de diplomatas, professores e militares, em situação econômica bastante adversa a realidade da maior parte da população brasileira, sobretudo nessa época, entretanto a autora ainda destaca que suas “atitudes” podem ser vistas como críticas à realidade vivenciada, com letras impregnadas de questões existenciais; mazelas da sociedade de consumo, da crise econômica e da sátira política da época, sendo inclusive compatíveis com questões atuais.

Para Brandão e Duarte:

A juventude de classe média começava a postular ideias e a conduzir-se de modo totalmente oposto aos valores apregoados por uma sociedade moralista, racista, consumista e tecnocrata, onde a nova postura passava pela ideia de instabilidade, da compreensão de cada momento, para agir politicamente e transformar a sociedade.
(apud PRADO, 2011, p. 02).

O surgimento das bandas de rock no Brasil foi descentralizado, pois havia bandas surgindo de todas as partes, principalmente do Sul e Sudeste e claro Brasília, tendo como principal ponto de encontro o Circo Voador, na praia do Arpoador RJ, que se tornou referência na apresentação de muitas bandas, inclusive na atualidade. Os anos de 1984 e 1986 são considerados o grande boom do rock brasileiro, devido à alta vendagem de discos.

Muhlstedt destaca as diferenças que definem os denominados “punks de São Paulo” e os “de Brasília”:

Em São Paulo, tem – se uma enormidade de jovens que, devido à situação econômica do país, não tinham o acesso à diversão e ao consumo. Moradores das periferias estes jovens buscavam informações e sentiam – se excluídos, acabando, portanto, por enxergar no punk uma função catártica, a de exprimir todas estas dificuldades, afinal em 1982, São Paulo apresentava o assombroso número de 1,5 milhão de desempregados. Por outro lado, os jovens de Brasília eram muito bem informados e tinham um acesso muito grande às informações, encontrando - se em sintonia com o que estava acontecendo em metrópoles como Londres e Nova York, no caso, o movimento punk. Alguns, inclusive, puderam assistir na Inglaterra as manifestações do punk, como é o caso dos irmãos Lemos, Felipe e Flávio, os quais mais tarde farão parte de outra banda brasiliense denominada Capital Inicial, que voltam ao Brasil, munidos das mais diversas informações, sobre o movimento: com indumentárias (roupas, colares que lembram coleiras para cães, etc.), muitos discos e fitas, além de diversas histórias a respeito shows, como os de Buzzcocks, The Clash, Damned, Stranglers, e outros. (2004, p.15)

“O rock de Brasília não usa o bom humor como principal ingrediente, como é de praxe no rock nacional, e sua música está longe dos acordes românticos de Lulu Santos ou do Kid Abelha”. (MUHLSTEDT, 2004, p. 19)

Sobre os jovens que vieram a se tornar referência no Rock nacional, Rochedo (2011, p. 02) afirma que “em sua maioria tinham entre 18 e 24 anos, cresceram e foram educados no período de maior repressão do regime civil-militar. Não chegaram a enfrentar o regime diretamente, mas sofreram os impactos provocados por ele”, a autora ainda aponta que em seus discursos e nas músicas indicavam fatos ligados aos anos de ditadura civil-militar e à transição democrática do país e caracterizam uma nova geração de jovens brasileiros, cuja “visibilidade é atribuída ao rock”, ou seja esses jovens que estavam ingressando na vida

pública, utilizavam do rock que começava alcançar representatividade no país para expressar suas visões e percepções sobre o mundo e sobre a conjuntura política da época.

Esses jovens destacavam-se dos demais principalmente por sua condição bastante adversa da grande maioria dos jovens de sua época, de classe média e famílias influentes, como aponta Rochedo (2011) filhos de diplomatas como Philippe Seabra, André Pretórios, Dado Villa-Lobos e Dinho Ouro Preto, de professores universitários como Renato Manfredini Jr. e os irmãos Fê e Flávio Lemos e de militares como Herbert Vianna e Renato Rocha, que em grande maioria haviam morado no exterior e em suas viagens para fora do país tinham contato direto com as influências da cultura estrangeira (música, idioma, revistas) tendo maior acesso e conseguindo acompanhar o que se passava no rock internacional.

E nesse contexto de redemocratização do país, onde esses jovens com suas vozes reprimidas e a fúria da juventude, entediados, com pouca opção de lazer e diversão na capital do país, pois como destaca Muhlstedt (2004) Brasília na época estava repleta de moradores oriundos das mais diversas regiões do país, e os que mais sentiam essa falta de opções eram os jovens, sobretudo aqueles que chegavam dos centros mais desenvolvidos e movimentados, é que surge a banda Aborto Elétrico, pelos idos de 1978, composta por Renato Manfredini Junior, que tem como nome artístico Renato Russo, Felipe Lemos e André Pretórios, este que posteriormente sai da banda e entra Flávio Lemos, a por eles chamada de “Turma da Colina”, era formada por jovens que encontraram na música um meio para expandir suas indagações, questionamentos e oposição ao contexto da época, a Colina como destaca Rochedo (2011) era um conjunto de blocos residenciais dentro da Universidade de Brasília que foram construídos para abrigar as famílias dos professores e funcionários da UnB e nesses blocos isolados os jovens se encontravam e promoviam suas festas, torneios e outras atividades.

As bandas oriundas de Brasília captam esse cotidiano urbano, de rua onde estes jovens letristas costumavam se movimentar. Retratam a relação conflituosa que tinham com a cidade. O Distrito Federal, conhecido como uma cidade sem opções de entretenimento fazia com que o sonho da maioria dos adolescentes fosse montar uma banda para tocar nos circuitos alternativos. Em entrevista realizada pela autora em outubro de 2009, (Dado Villa Lobos, guitarrista e compositor da banda Legião Urbana relata: “O aborrecimento colaborou para que buscássemos a música. Em Brasília havia muitos grupos de teatro, de música MPB, de dança, punk, etc.” (ROCHEDO, 2011, p. 04)

Marcada por muitas brigas e letras pesadas como “Que país é esse, Geração Coca-Cola e Veraneio Vascaína” a banda se desfez, e do espólio do Aborto Elétrico surgem duas novas bandas, Renato Russo após sua fase como “Trovador solitário” funda com Dado Villa Lobos a Legião Urbana e os irmãos Fê e Flávio Lemos, juntamente com Dinho Ouro Preto fundam o

Capital Inicial, dando origem então as mais comentadas e conhecidas bandas do Distrito Federal, Legião Urbana e Capital Inicial.

Sobre a banda Legião Urbana que é objeto de estudo desse trabalho, Rochedo destaca:

As letras da Legião Urbana chamam a atenção do ouvinte/leitor ao denunciar o discurso discriminador diante da condição social então vigente, remetendo aos anos da ditadura civil-militar. Escrita em 1978, “Que País é Este” com seu ritmo acelerado e apenas três acordes, foi a música de abertura de quase todos os shows da banda Legião Urbana [...] o sentimento de descrença predominou na juventude que desejava que seu país retornasse a perspectiva de um futuro e um presente democrático. A ilegalidade, a miséria e descrédito político foram fonte de inspiração para as canções nos últimos anos da década 1980”. (2011, p.05, 07)

MUHLSTEDT cita a entrevista realizada pelo jornalista Ricardo Alexandre², com o músico Dado Villa Lobos, onde esse afirma:

“A Legião Urbana era... uma banda de rock falando de temas atemporais, como meninos/meninas, drogas. Fazíamos muito sentido e éramos muito profundos, às vezes. As pessoas se identificavam de verdade com aquilo. Era uma mistura louca de raiva, energia distorção, amor e convivência”. (2004, p. 19).

A Legião urbana é de fato uma banda atemporal, pois suas críticas e indagações escritas na década de 1980 ainda fazem todo sentido e as pessoas continuam se identificando com suas letras, por isso é válida sua utilização como recurso didático em sala de aula e para facilitar essa utilização é importante conhecer sua discografia.

Discografia da Legião Urbana

A discografia da banda Legião Urbana é dividida em nove álbuns, são eles: Legião Urbana, Dois, Que País é Esse, As Quatro Estações, V, Música para Acampamento, O Descobrimento do Brasil, A Tempestade e Uma Outra Estação (sendo este póstumo a Renato Russo), todos lançados pela gravadora EMI Music, abordam os mais variados assuntos e temas, podendo ser para as aulas de Geografia, um vasto campo a ser trabalhado em sala de aula.

Os ex-integrantes da Legião Urbana, Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá em entrevista ao jornal Estadão, publicado em 23 de Outubro de 2010, dão suas opiniões, falam da confecção e do contexto de cada um dos discos da banda, que serão tratados a seguir. (Ver em anexo).

² ALEXANDRE, Ricardo. Dias de Luta – o rock e o Brasil dos anos 80. São Paulo, DBA Arte Gráficas, 2002.

O primeiro álbum da banda que recebeu o nome da mesma, “Legião Urbana” foi lançado em 1985 e possui 17 faixas. Trata-se de um álbum bastante politizado, fazendo críticas a diversos aspectos da sociedade, intercalados com canções de amor que marcaram gerações como “Será”, “Ainda é cedo” além da tão famosa “Geração Coca-Cola”.

O segundo álbum recebeu o nome “Dois”, foi lançado em 1986, possui 12 faixas. É o segundo álbum mais vendido da banda, considerado por muitos o mais romântico, a música “Daniel na Cova dos Leões” é iniciada com um pouco da canção “Será” envolto a ruídos de rádio e do hino da Internacional Socialista. Os clássicos “Tempo Perdido”, “Eduardo e Mônica” e “Índios” fazem parte desse álbum, além de fazer muito sucesso na época se consagram em toda a carreira da Legião e em sua posteridade.

O terceiro álbum que recebeu o nome “Que País É Este” lançado em 1987, possui 9 faixas, algumas delas do extinto Aborto Elétrico e da carreira solo de Renato Russo enquanto Trovador solitário, considerado por muitos a obra mais punk da Legião Urbana, destacam-se músicas como “Que País É Este”, “Faroeste Caboclo” e “Angra dos Reis” pois tiveram maior repercussão. Esse álbum foi o último trabalho oficial com a participação do então baixista Renato Rocha.

O quarto álbum recebeu o título de “As Quatro Estações” lançado em 1989, possui 11 faixas das quais pelo menos nove foram tocadas constantemente nas rádios, considerado inclusive pelo próprio Renato Russo o melhor e mais inspirado trabalho do grupo, tem como hits de maior destaque as fabulosas “Monte Castelo” e “País e Filhos”.

O quinto álbum, intitulado “V”, foi lançado em 1991, possui 10 faixas, é considerado o disco mais melancólico. Renato Russo passava por problemas em sua vida pessoal, alcoolismo e principalmente a descoberta de que era soropositivo. O álbum possui diversas canções distintas dos padrões característicos da banda. Com músicas bastante densas, críticas sociais e melancólicas, destacam-se “Metal Contra as Nuvens”, “A Montanha Mágica”, “O Teatro dos Vampiros” e “Vento no Litoral”.

Em 1992 foi lançado o sexto disco da banda, intitulado “Música para acampamentos”, com 20 faixas. Depois de interromper a turnê de “V”, a banda entrou em recesso e não havia material novo a ser trabalhado, Renato Russo tem então a ideia de fazer um disco ao vivo e duplo, era para ser um álbum diferente dos tradicionais, por isso, o grupo buscou faixas nas mais diversas situações, de épocas diferentes e misturaram com alguns registros de shows. O nome foi inspirado em um desenho que Marcelo Bonfá fez e Renato gostou, depois de lançado o nome pareceu fazer sentido ao que era o álbum.

O sétimo álbum intitulado “O Descobrimento do Brasil” foi lançado em 1994, possui 14 faixas, considerado o álbum mais alegre e delicado da Legião Urbana, cujas letras oscilam entre tristeza e alegria, encontros e despedidas, pois nessa época Renato Russo inicia o tratamento para livrar-se da dependência química e mostrava-se otimista quanto ao seu sucesso. “O Descobrimento do Brasil” é um álbum com uma esfera de esperança, permeado por tristeza e saudosismo. As faixas de maior sucesso foram "Giz", "Vinte e Nove" e "Perfeição".

O oitavo álbum lançado em 1995 recebeu o título de “A tempestade” composto por 15 faixas é considerado mais rock do que os anteriores, com melodias complicadas, e grande parte das letras densas e tristes, tendo como tema principal a solidão. A fragilidade da saúde de Renato Russo se agravava e ele passou pouco tempo com os parceiros no estúdio, basicamente acompanhava o processo por meio de fitas que eram enviadas à sua casa, deixando a maior parte da produção sobre a responsabilidade de Dado Villa-Lobos. O avanço da doença se intensificou nos últimos meses, tornando os trabalhos da banda ainda mais difíceis. Na época de lançamento do álbum, o grupo não promoveu a divulgação, muito menos realizaram shows.

O último álbum de estúdio da Legião Urbana “Uma Outra Estação” com 15 faixas, foi lançado em 1997, um ano após a morte de Renato Russo. Os registros eram a continuação do material que ficara de fora de “A Tempestade”. Uma Outra Estação é um pouco mais leve do que o anterior, pois enquanto “A Tempestade” era uma espécie de adeus, Dado e Bonfá tentaram fazer um disco com ares de celebração à vida.

O disco iniciava com falas dos músicos no começo da carreira, se apresentando, falando de suas vidas e sonhos, e finalizando com a “Travessia do Eixão”, música do grupo Liga Tripa que dividiu o palco com a Legião Urbana em seu primeiro show, em Patos de Minas, em 1982. A música “Sagrado coração”, considerada bastante simples e triste é a expressão concreta da ausência de Renato Russo, principalmente porque para essa canção, Renato não deixou registro de voz.

Após este disco, algumas coletâneas e alguns projetos especiais ainda foram lançados, mas com “Uma Outra Estação” a banda encerra sua obra autoral.

Renato Russo morreu em 1996 vitimado pela AIDS, deixando um respeitável legado musical que atravessa gerações, pois mesmo após sua morte e fim da banda as músicas continuam vivas e atuais como se estivessem sendo escritas no presente, ganhando sempre mais adeptos.

III. A GEOGRAFIA PRESENTE NA LEGIÃO URBANA

*Somos os filhos da revolução... somos o futuro da Nação...
Geração Coca Cola. (Renato Russo)*

Após ter analisado a importância da utilização da música em sala de aula e entender a Geografia da banda Legião Urbana (histórico, contexto e localização), o terceiro capítulo que concerne o coração do presente trabalho, desdobra-se a compreender a Geografia presente na Legião Urbana, por meio da análise e interpretação de suas letras, trazendo questionamentos e sugestões de como aproveitá-las enquanto recurso didático pedagógico que despertem o interesse e aproximem o jovem ao ensino de Geografia.

É importante destacar que a utilização da música deve ser feita de acordo com as necessidades e realidade do professor, optando pela forma de abordagem que melhor se adeque a seus objetivos e necessidades da turma, por exemplo utilizar letra e som, só a letra, a canção inteira ou só alguns versos, apenas uma frase, enfim a maneira que o professor achar que será mais útil e trará melhor resultados com seus alunos; diante do exposto foram analisadas as letras de 10 canções dos diferentes álbuns e momentos da carreira da banda e apontados os mais diversos conteúdos que podem ser trabalhados com a utilização das mesmas.

No disco “Legião Urbana” de 1985 as músicas selecionadas foram as faixas 3- Petróleo do Futuro e 6- Geração Coca-Cola.

Petróleo do Futuro

(Dado Villa-Lobos / Renato Russo)

Ah, se eu soubesse lhe dizer o que eu sonhei ontem à noite
 Você ia querer me dizer tudo sobre o seu sonho também.
 E o que é que eu tenho a ver com isso?
 Ah, se eu soubesse lhe dizer o que eu vi ontem à noite
 Você ia querer ver, mas não ia acreditar.
 E o que é que eu tenho a ver com isso?
 Filósofos suicidas
 Agricultores famintos
 Desaparecendo
 Embaixo dos arquivos
 Ah, se eu soubesse lhe dizer qual é a sua tribo
 Também saberia qual é a minha
 Mas você também não sabe
 E o que é que eu tenho a ver com isso?
 Ah, se eu soubesse lhe dizer
 O que fazer pra todo mundo ficar junto

Todo mundo já estava há muito tempo
 E o que é que eu tenho a ver com isso?
 Sou brasileiro errado
 Vivendo em separado
 Contando os vencidos
 De todos os lados.

A canção “Petróleo do Futuro” é um exemplo de que a análise da música pode ser feita por meio de um verso ou frase, tudo depende do propósito a ser alcançado pelo professor, pode ser utilizada para discutir as contradições da sociedade atual como no trecho “*Filósofos suicidas*”, destacando o Onde (Porque as coisas estão onde estão, porque não em outro lugar?), ou ainda ser utilizada como ponto de partida para discussões sobre a produção agrícola e os conflitos envolvendo o espaço agrário brasileiro como será feito a seguir; a questão a ser levantada nesse caso remete-se ao trecho “*Agricultores famintos*”, o primeiro ponto a ser questionado: O que está acontecendo no campo que tem provocado a fome dos agricultores? Responder a essa contradição, pois é no campo que se produz o alimento e não na cidade será a base para a análise dessa canção podendo ser utilizada nas aulas de Geografia sobre a questão agrária.

Com a implantação da Revolução Verde (principalmente entre o final da década de 60 e início da década 70) marcada pela parceria entre a ONU (Organização das Nações Unidas) a ciência e interesses industriais sobretudo dos Estados Unidos, ocorre uma mudança mundial na produção de alimentos, essa união/parceria possibilitou a entrada de tecnologia no campo como maquinário (tratores, colheitadeiras, irrigação mecânica) e insumos (venenos, agrotóxicos, defensivos agrícolas) permitindo produzir cada vez mais, em um constante aumento da produção.

No entanto a mesma tecnologia que permite aumentar a produção, provocada pela modernização do campo, é responsável também pela expulsão de muitos trabalhadores, como salienta o professor e escritor José Graziano³ “o emprego agrícola, em função da mecanização das atividades de colheita dos nossos principais produtos, vem caindo cada vez mais rapidamente, a uma taxa de -1,7% ao ano”. (SILVA, J., 2001, p. 39).

Antes da entrada do capitalismo no campo, o “tempo da natureza” era respeitado, havia o período certo para a plantação, a época da poda e da colheita, onde esses produtos só eram encontrados em suas respectivas “temporadas”. Quando a lógica industrial chega ao campo, os padrões de consumo exigem uma espécie de libertação dos tempos da natureza,

³ José Graziano da Silva é agrônomo, professor e escritor de diversas obras sobre a questão agrária no Brasil.

pois no mercado o consumidor precisa encontrar todo o produto que deseja independente de estar em sua “época” ou não.

A reestruturação da agropecuária brasileira, isto é, a intensificação o capitalismo no campo, com todas as possibilidades advindas da evolução tecnológica, processou-se de forma socialmente excludente e espacialmente seletiva. Diante disto, manteve intocáveis algumas estruturas sociais, territoriais e políticas incompatíveis com os fundamentos do verdadeiro significado do conceito de desenvolvimento. Isso significa que privilegiou determinados segmentos sociais, econômicos e os espaços mais rapidamente suscetíveis de uma reestruturação sustentada pelas inovações científico-técnicas e pela globalização da produção e consumo.

Acirra-se, desde então, a expansão das relações capitalistas de produção no campo, conduzida de maneira extremamente prejudicial à maioria da população brasileira, à organização do território e ao meio ambiente. Promove-se, assim, um crescimento econômico cada vez mais desigual, gerador de desequilíbrios, exclusão e pobreza, acentuando as históricas desigualdades sócioespaciais brasileiras. (ELIAS, 2005, p. 28).

A modernização contraditória do campo também pode ser compreendida nas palavras de Oliveira⁴ (2001, p. 186)

A chamada modernização da agricultura não vai atuar no sentido da transformação dos latifundiários em empresários capitalistas, mas o contrário transformou os capitalistas industriais e urbanos em proprietários de terra, em latifundiários. [...] A mesma indústria automobilística que pratica as mais avançadas relações de trabalho do capitalismo no Centro-Sul, na Amazônia, ao contrário, pratica em suas propriedades agropecuárias a “peonagem”, relação de trabalho também chamada de “escravidão branca”. Em outras palavras, a mesma empresa atuava de forma diferente em regiões distintas desse país.

Como foi exposto o crescimento econômico alcançado no campo não atinge de fato o agricultor, cuja vida dedicou a terra, e dela consegue suprir as necessidades de sua família, pelo contrário, esse desenvolvimento atinge os grandes fazendeiros e empresários que se instalam no campo, exaurem os recursos naturais, desapropriam famílias, em sua maioria com foco na exportação e não no abastecimento do mercado interno, como pode ser observado nas colocações de Elias (2005):

Além da terra e da mão-de-obra, poucas outras relações são estabelecidas nos lugares nos quais está instalada, uma vez que pouco interage com os poderes locais; praticamente ignora por completo a legislação ambiental e, em parte, a trabalhista; traz de fora do país quase todo o pacote tecnológico utilizado na produção, assim como parte da mão-de-obra especializada; exporta quase toda a produção, e deixa para o mercado local somente o refugo, que não tem o padrão exigido pelo mercado externo. (ELIAS, 2005, p. 39).

⁴ Ariovaldo Umbelino de Oliveira é Doutor em Geografia Humana e professor do Departamento de Geografia da FFCCH-USP, autor de diversos livros sobre a questão agrária e a lutas no campo no Brasil.

Outro exemplo dessa exploração do trabalhador, que não se apropria do desenvolvimento e modernização do campo pode ser compreendida pela coleta do babaçu, onde muitas mulheres procuram garantir o sustento e/ou complementar a renda de suas famílias como quebradeiras de coco do babaçu, a prática é muito comum no Maranhão, sendo o fruto considerado produto da natureza, portanto um direito de todos, é realizado pelas mulheres na época em que a alimentação da família fica mais precária por estar fora do período da agricultura que em sua maioria é realizada por homens. Antunes (apud SILVA, 2008).

A remuneração dessas mulheres pela matéria prima de muitos produtos é mínima, enquanto a venda final do produto agrega altíssimo valor; além da exploração entre a matéria prima e o produto final que não chega às quebradeiras de coco elas ainda enfrentam outro grande problema que é a demarcação de muitas propriedades privadas (a maioria de grandes empresas destinadas a exportação da soja e pecuária) que destroem as florestas de babaçu ou que impedem seu acesso, fazendo de um produto “que era liberto passou a ser preso” (p. 69), tornando-se posse dos grandes proprietários. (SILVA, 2008).

Diante dessas observações, não é difícil compreender o motivo de análise dessa canção, o porquê de existirem tantos “*Agricultores famintos*”, o agricultor quando não é expropriado de suas terras, precisa de recursos para adquirir todo o aparato tecnológico de sementes, pesticidas e agrotóxicos, aqueles que não possuem terras, ou que a terra não é suficiente para abastecer todas as suas necessidades também não vão conseguir empregos em épocas de plantio ou colheita nas grandes propriedades devido a mecanização das atividades, que em sua maioria são monocultoras.

Essas e outras questões é que contribuem para o aumento crescente das “ORNAS (Ocupações rurais não agrícolas) como serventes de pedreiro, motoristas, caseiros, empregadas domésticas etc”. (SILVA, J., 2001, p. 39).

Ainda segundo SILVA, J. (2001) as famílias rurais brasileiras estão se tomando cada vez mais não-agrícolas devido a queda da renda das atividades agropecuárias, garantido sua sobrevivência através das aposentadorias, pensões e em ocupações não-agrícolas.

“O desenvolvimento capitalista que concentra a terra, concomitantemente, empurra uma parcela cada vez maior da população para as áreas urbanas, gerando nas mesmas uma massa cada vez maior de pobres e miseráveis”. (OLIVEIRA, 2001, p. 187).

Para finalizar a discussão o professor deve questionar com seus alunos o trecho “*E o que é que eu tenho a ver com isso?*” que aponta para o individualismo e indiferença, tão

presentes na sociedade atual, é importante discutir os padrões e consumo que fazem das pessoas cada vez mais preocupadas com elas mesmas e não percebem os fatos e acontecimentos ao seu redor, no que diz respeito ao campo é comum ouvir dos alunos “*o que eu tenho a ver com isso*”, pois a maioria mora em cidades, com pouco ou nenhum contato concreto com o campo, no entanto o professor deve despertar seu olhar geográfico, fazê-lo perceber que é diretamente atingido pelo que ocorre no campo com questões, por exemplo, de onde vem seu alimento? Se esses agricultores continuarem cada vez mais sendo empurrados para as cidades o que acontece no campo? E nas cidades? Quais as consequências da expansão das fronteiras agrícolas ou pecuárias? Essas e outras questões são fundamentais para compreender e desnaturalizar situações que muitas vezes passam despercebidas ou não são consideradas nas discussões e são tão importantes para o verdadeiro aprendizado do aluno.

Geração Coca-Cola

(Renato Russo)

Quando nascemos fomos programados
 A receber o que vocês nos empurraram
 Com os enlatados dos USA., de 9 às 6.
 Desde pequenos nós comemos lixo
 Comercial e industrial
 Mas agora chegou nossa vez -
 Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês.
 Somos os filhos da revolução
 Somos burgueses sem religião
 Nós somos o futuro da nação
 Geração Coca-Cola.
 Depois de vinte anos na escola
 Não é difícil aprender
 Todas as manhas do seu jogo sujo
 Não é assim que tem que ser?
 Vamos fazer nosso dever de casa
 E aí então, vocês vão ver
 Suas crianças derrubando reis
 Fazer comédia no cinema com as suas leis.

A música “Geração Coca-Cola” que é um clássico na obra da Legião Urbana (sem dúvida uma das mais conhecidas) possibilita analisar questões referentes ao poderio dos Estados Unidos e padrões mundiais de consumo.

O primeiro trecho já é carregado de informações que podem ser discutidas em sala de aula.

*“Quando nascemos fomos programados/ A receber o que vocês nos empurraram/
 Com os enlatados dos USA., de 9 às 6./ Desde pequenos nós comemos lixo/ Comercial e industrial”.*

Primeiramente a alienação das pessoas, a criação dos padrões de consumo de massa (roupas, hábitos, alimentos), uma geração facilmente influenciável, onde as pessoas são vistas como mercadoria que consomem ainda mais mercadoria, não precisando (nem podendo) pensar ou questionar, apenas consumir, um agir praticamente robótico.

Posteriormente é feita uma crítica ao poderio dos Estados Unidos, observável na imposição e/ou dominação da cultura Norte-americana que como aponta Rochedo (2011) “aparece no próprio nome da canção”, pois a Coca Cola é uma marca Norte-americana mundialmente conhecida e consumida, sendo inclusive associada como símbolo dos Estados Unidos, outro produto consumido mundialmente também no ramo de alimentação (não saudável) que é símbolo da disseminação dessa cultura pelo mundo são as redes de *fast-food* Mc'Donalds, além é claro dos seriados de TV.

Seria interessante que o professor discutisse com seus alunos a implicação dessa uniformização e padronização mundial dos hábitos e costumes, nas diferentes culturas como a perda das identidades locais.

A questão do “lixo industrial”, refere-se as tecnologias e/ou maquinários que quando se tornam obsoletos em países desenvolvidos (no caso Estados Unidos), são sucateados e empurrados aos países subdesenvolvidos como o Brasil.

O trecho a seguir aponta a contestação do jovem que cresceu durante o regime Militar brasileiro, que depois de anos de censura e quietude tem a necessidade de se colocar.

“Somos os filhos da revolução/ Somos burgueses sem religião/ Nós somos o futuro da nação/ Geração Coca-Cola”.

Como pode ser observada na análise de Rochedo (2011) sobre os “Filhos da Revolução⁵”:

O jovem é retratado protagonista de uma atitude ativa frente sua realidade. Nesta composição se pode observar a construção da identidade da geração que se autodenomina “filhos da revolução” ao qual receberam passivamente as informações políticas e culturais do governo, mas essa passividade havia chegado ao fim. A geração que começava a entrar na vida pública devolvia o que tinha aprendido. (ROCHEDO, 2011, p. 98).

A ditadura civil-militar pode se tornar em sala de aula um vasto campo a ser discutido, por exemplo, explorar o papel da censura, o que representou para quem viveu nesse período, sobretudo para os jovens, seria interessante ainda que o professor propusesse comparações

⁵ Filhos da Revolução é o título da Dissertação de Mestrado da historiadora Aline do Carmo Rochedo, apresentada a Universidade Federal Fluminense- UFF, Niterói-RJ, 2011.

com as publicações, mídia, comunicações da época, com os dias atuais, de preferência observando os gostos e opiniões dos alunos.

No disco “Dois” de 1986 as músicas selecionadas foram as faixas 6 com Tempo perdido, 9- Música Urbana 2, 11- Fábrica e 12- Índios.

Tempo Perdido

(Renato Russo)

Todos os dias quando acordo,
 Não tenho mais o tempo que passou
 Mas tenho muito tempo:
 Temos todo o tempo do mundo.
 Todos os dias antes de dormir,
 Lembro e esqueço como foi o dia:
 "Sempre em frente,
 Não temos tempo a perder".
 Nosso suor sagrado
 É bem mais belo que esse sangue amargo
 E tão sério
 E Selvagem.
 Veja o sol dessa manhã tão cinza:
 A tempestade que chega é da cor dos teus
 olhos castanhos
 Então me abraça forte
 e diz mais uma vez
 Que já estamos distantes de tudo:
 Temos nosso próprio tempo.
 Não tenho medo do escuro, mas deixe as
 luzes acesas agora.
 O que foi escondido é o que se escondeu
 E o que foi prometido,
 ninguém prometeu
 Nem foi tempo perdido;
 Somos tão jovens.

A música “Tempo Perdido” permite a análise da materialização do tempo sobre o espaço, servindo de base para analisar a exploração do trabalhador na escravidão do campo ou nas fábricas com a supervalorização do tempo.

“Todos os dias quando acordo/ Não tenho mais o tempo que passou/ Mas tenho muito tempo”.

Os versos podem ser analisados ao estudar as indústrias, onde na linha de produção o trabalhador é alienado dos meios de produção e o fruto de seu trabalho não lhe pertence, existindo a separação bastante definida entre “*gerência, concepção, controle e execução*”⁶,

⁶ HARVEY, David. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

tratando-se de linha de montagem cabe à diferenciação de dois modelos de produção onde essa contagem do tempo e a exploração do trabalhador ficam evidentes.

Um deles seria o taylorismo, princípio estabelecido por Frederick Winslow Taylor onde este descreve como a produção pode ser ampliada se houver uma racionalização do trabalho, fragmentando as tarefas e deixando os trabalhadores treinados a apenas executá-las em curto tempo e movimentos precisos e rigorosos. O outro seria o fordismo, onde Henry Ford aplicou as ideias de Taylor, aos cinco dólares pelo dia de oito horas trabalhadas na linha de montagem, tendo como objetivo a produção em grande escala, para dinamizar um consumo também em grande escala. (HARVEY, 2005).

Os versos a seguir retratam a questão do desperdício de tempo, a cronologia mercadológica que faz do tempo algo tão caro quanto a própria mercadoria.

"Sempre em frente, /Não temos tempo a perder".

O tempo se torna dinheiro, como na expressão inglesa muito utilizada *"time is money"*, podendo então destacar o surgimento de outro meio de produção, o Toyotismo que começou a ser implantado em 1962, como forma de reestruturar a produção em resposta a crise do fordismo que se deu de diferentes formas em todos os países. A principal característica do Toyotismo é produzir somente o necessário e em menor tempo o *Just-in-time*. (ALCOFORADO, 2003).

O mesmo trecho discutido pelo olhar da indústria *"Todos os dias quando acordo/ Não tenho mais o tempo que passou/ Mas tenho muito tempo"*, permite ainda a reflexão a cerca da escravidão que ocorreu (e ocorre) em diversas partes do país e também podem ser apontadas nos versos:

"Nosso suor sagrado/ É bem mais belo que esse sangue amargo/ E tão sério/ E Selvagem".

O escravizado perdeu uma parte importante de sua vida (quando não a própria vida), realizando funções das quais lhe restaram pouco ou nenhum benefício, debaixo de castigos e/ou humilhações e este não encontra meios para se libertar dessa condição, então para ele cada minuto nessa condição se torna "muito tempo".

Seria interessante além da análise e interpretação da música, da leitura e debate de textos científicos, o professor cruzar essas informações com outros meios de informação, por exemplo, a reportagem publicada pelo jornal O Globo:

"O Brasil tem 200 mil pessoas em situação de trabalho escravo. O número é do Índice de Escravidão Global, divulgado pela ONG Walk Free Foundation. Em sua primeira edição, a pesquisa coloca o Brasil em 94º lugar no ranking dos países com maior registro de trabalho escravo". (Jornal O Globo, 17/10/13).

O professor precisa resgatar os tipos de escravidão sofrida pela população, partindo do princípio de onde elas ocorrem e por quê?

Os versos a seguir possibilitam imaginar o sentimento de pessoas que foram escravizadas e finalmente conseguem estar livres:

“Então me abraça forte/ e diz mais uma vez/ Que já estamos distantes de tudo/ Temos nosso próprio tempo”.

O tempo antes visto como opressor, agora se torna sinônimo da liberdade. São os mais variados tipos de escravidão nos dias atuais que podem ser discutidas nas aulas de Geografia, dentre elas destacam-se a exploração de imigrantes no centro de São Paulo, dos povos indígenas e ribeirinhos na região da floresta amazônica, de trabalhadores rurais conhecidos como “boia-fria” e outros.

Para finalizar a canção, seria interessante discutir a exploração do trabalho infantil e a corrupção de menores a partir do trecho *“Temos nosso próprio tempo”*.

Música Urbana 2

(Renato Russo)

Em cima dos telhados as antenas de TV tocam música urbana,
 Nas ruas os mendigos com esparadrapos podres
 Cantam música urbana,
 Motocicletas querendo atenção às três da manhã -
 É só música urbana.
 Os PMs armados e as tropas de choque vomitam música urbana
 E nas escolas as crianças aprendem a repertir a música urbana.
 Nos bares os viciados sempre tentam conseguir a música urbana.
 O vento forte seco e sujo em cantos de concreto
 Parece música urbana
 E a matilha de crianças sujas no meio da rua -
 Música urbana.
 E nos pontos de ônibus estão todos ali: música urbana.
 Os uniformes
 Os cartazes
 Os cinemas
 E os lares
 Nas favelas
 Coberturas
 Quase todos os lugares.
 E mais uma criança nasceu.
 Não há mais mentiras nem verdades aqui
 Só há música urbana.

A Música Urbana 2 pode ser trabalhada ao estudar a cidade e o processo de urbanização. A autora Glória da Anunciação Alves em “Cidade, Cotidiano e TV”, traz

diversas contribuições sobre o estudo da cidade com a influência da TV que servirão de base para a análise da Música Urbana 2.

Primeiramente deve-se questionar o que seria essa “música urbana” tão enfatizada nos versos da canção?

O barulho, a agitação, aglomerado de pessoas, funções e serviços compõem a música urbana presente nas cidades, esse som tão familiar ao cotidiano das pessoas, compõem a paisagem urbana, paisagem esta que também é formada pelos sons e cheiros reforçam a complexidade que são as cidades, elas concretizam relações, sejam sociais ou produções, refletem costumes, sentimentos e atitudes, tornaram-se ao longo dos anos o lugar privilegiado para as trocas, produção e circulação de mercadorias (ALVES, 2005).

“Em cima dos telhados as antenas de TV tocam música urbana”.

Os versos apontam para a ideia de modernidade, do desenvolvimento tecnológico, da informação e circulação presente nas cidades.

A TV faz parte do cotidiano das pessoas e contribui para a construção da ideia de cidade enquanto lugar do consumo, fundamental para a criação de modelos, instigando comportamentos e produzindo modos de vida pautados no consumo, nos excessos e na velocidade, sem espaço para significação ou questionamentos (ALVES, 2005).

“Nas ruas os mendigos com esparadrapos podres”.

São possíveis e necessárias as mais diversas especulações sobre quem são esses mendigos que ocupam as ruas das cidades? Por quais motivos foram parar ali? Dentre as diversas mazelas sociais, podem ter sido trabalhadores do campo que participaram do êxodo rural, nesse caso cabe destacar os motivos que os fizeram deixar o campo e porque se estabeleceram nas cidades? O que encontraram ou esperavam encontrar ali e não em outro lugar? Pode ainda se tratar de um imigrante que veio para a cidade por diversos motivos: fuga, perseguições, catástrofes naturais etc.

“Os PMs armados e as tropas de choque vomitam música urbana”.

Esses versos reforçam o papel da cidade enquanto violência, da polícia enquanto opressora e para isso o papel da mídia, em especial da TV são fundamentais para a disseminação dessas ideias, a maneira como as informações são transmitidas e as notícias apresentadas reforçam a imagem da cidade enquanto “lugar da violência”, porém sem qualquer questionamento, ou vínculos com os verdadeiros motivos e razões (ALVES, 2005).

“Os uniformes/ Os cartazes/ Os cinemas”

Os versos acima podem ser utilizados para destacar a poluição visual presente na cidade e esta enquanto divulgadora e disseminadora de padrões e consumo (compre, veja,

seja, use) a cidade nesse caso pode ser encarada como principal meio de circulação do capitalismo.

“E os lares/ Nas favelas/ Coberturas/ Quase todos os lugares”

Para finalizar, os últimos versos da canção chamam a atenção para a dualidade perversa no papel das cidades o surgimento das favelas, por que ocorrem? Quem são os moradores? Por que se instalaram ali e não em outro lugar? Em contrapartida a expansão das coberturas e condomínios de auto padrão, a supervalorização dos terrenos e especulação imobiliária, onde esses condomínios estão se instalando? Vale destacar também a expansão dos condomínios de auto padrão em áreas rurais que expropriam os trabalhadores que viviam da terra e estes são obrigados a ir para as cidades, aumentando o número de favelas e mão de obra reserva para exercer as funções de menor prestígio como domésticas e porteiros.

Fábrica

(Renato Russo)

Nosso dia vai chegar,
Teremos nossa vez.
Não é pedir demais:
Quero justiça,
Quero trabalhar em paz.
Não é muito o que lhe peço -
Eu quero trabalho honesto
Em vez de escravidão.
Deve haver algum lugar
Onde o mais forte
Não consegue escravizar
Quem não tem chance.
De onde vem a indiferença
Temperada a ferro e fogo?
Quem guarda os portões da fábrica?
O céu já foi azul, mas agora é cinza
O que era verde aqui, já não existe mais.
Quem me dera acreditar
Que não acontece nada de tanto brincar
com fogo.
Que venha o fogo então.
Esse ar deixou minha vista cansada,
Nada demais

A música fábrica permite a abordagem de diversos conteúdos em torno da industrialização do país e da exploração do trabalhador e do meio ambiente.

“Nosso dia vai chegar/ Teremos nossa vez/ Não é pedir demais/ Quero justiça/ Quero trabalhar em paz/ Não é muito o que lhe peço/ Eu quero trabalho honesto/ Em vez de escravidão”.

A partir da leitura desses versos, o professor precisa resgatar como se deu o processo de industrialização no Brasil, que contou com as bases e infraestruturas herdadas da cafeicultura, e que essa só conseguiu atingir tamanha proporção e se tornar o carro chefe da economia do país por tanto tempo devido à utilização da mão de obra escrava.

Partindo então desse princípio, a industrialização tem suas bases na escravidão e na exploração da mão de obra do trabalhador que é expropriado de seus meios de produção e passa a ter como única fonte de renda sua força de trabalho.

Na linha de montagem (fábricas) o trabalhador é alienado dos meios de produção e o fruto de seu trabalho não lhe pertence, existindo a separação entre “gerência, concepção, controle e execução”, tratando-se de industrialização é comum discutir dois modelos de produção Taylorismo e Fordismo, cuja exploração do trabalhador é marcada pela contagem do tempo, na utilização das esteiras para a linha de montagem, é importante ainda ressaltar que o trabalhador perde a noção do fruto de seu trabalho, ao especializar-se em uma parte da produção, no caso do fordismo (a aplicação de 5 dólares por 8 horas de trabalho), a exploração do trabalhador se dá pelo exercício de funções repetitivas, mal remunerados e na maior parte dos casos, seu salário não lhe permite consumir aquilo que produziu, é interessante ressaltar que os temas Taylorismo e Fordismo foram discutidos na canção “Tempo Perdido”, então uma outra possibilidade de ampliar e potencializar a utilização da música seria relaciona-las.

“Deve haver algum lugar/ Onde o mais forte/ Não consegue escravizar/ Quem não tem chance”.

Como professores de Geografia nos versos acima são possíveis de serem feitas as mais diversas interpretações sobre “escravizar quem não tem chance”, por exemplo, analisar a precariedade das condições de vida nas cidades que por conta do desemprego, muitas famílias se veem obrigadas a se sujeitar a trabalhos como catadores e vendedores ambulantes, dos chamados flanelinhas ou ainda a exploração de crianças como pedintes em faróis e transporte público.

Os versos a seguir permitem à análise da indústria pelo viés ambiental (sem apelo ideológico ou falsos discursos sobre sustentabilidade):

“O céu já foi azul, mas agora é cinza/ O que era verde aqui, já não existe mais” e o final da música *“Esse ar deixou minha vista cansada”*.

É importante questionar ONDE a fábrica se instalou e por quê? Quais são as matérias primas para a elaboração de seus produtos, de onde essa matéria prima é extraída? Como se dá a relação da fábrica com os recursos naturais como canalização de água, descarte de

resíduos, lançamento de esgoto? O que interferiu no local para sua instalação, desde incentivos fiscais e desmatamento até a influência na vida dos moradores da região com desapropriações? E esses moradores serão contratados para trabalhar na fábrica ou a mão de obra virá de outro lugar? Como serão os salários e as condições de trabalho? Assim como esses exemplos existem outras questões envolvendo a distribuição geográfica dos fenômenos (ONDE estes acontecem e por quê?) que podem ser facilmente abordados.

Índios

(Renato Russo)

Quem me dera, ao menos uma vez,
 Ter de volta todo o ouro que entreguei
 A quem conseguiu me convencer
 Que era prova de amizade
 Se alguém levasse embora até o que eu não tinha.
 Quem me dera, ao menos uma vez
 Esquecer que acreditei que era por brincadeira
 Que se cortava sempre um pano-de-chão
 De linho nobre e pura seda.
 Quem me dera, ao menos uma vez,
 Explicar o que ninguém consegue entender:
 Que o que aconteceu ainda está por vir
 E o futuro não é mais como era antigamente.
 Quem me dera, ao menos uma vez,
 Provar que quem tem mais do que precisa ter
 Quase sempre se convence que não tem o bastante
 Fala demais por não ter nada a dizer.
 Quem me dera, ao menos uma vez,
 Que o mais simples fosse visto como o mais importante,
 Mas nos deram espelhos
 E vimos um mundo doente.
 Quem me dera, ao menos uma vez,
 Entender como um só Deus ao mesmo tempo é três
 E esse mesmo Deus foi morto por vocês
 É só maldade então, deixar um Deus tão triste.
 Eu quis o perigo e até sangrei sozinho.
 Entenda - assim pude trazer
 Você de volta pra mim
 Quando descobri que é sempre só você
 Que me entende do início ao fim
 E é só você que tem a cura do meu vício
 De insistir nessa saudade que eu sinto
 De tudo que eu ainda não vi.
 Quem me dera, ao menos uma vez,
 Acreditar por um instante em tudo que existe
 E acreditar que o mundo é perfeito
 E Que todas as pessoas são felizes...
 Quem me dera, ao menos uma vez,
 Fazer com que o mundo saiba que seu nome

Está em tudo e mesmo assim
 Ninguém lhe diz ao menos obrigado.
 Quem me dera, ao menos uma vez,
 Como a mais bela tribo, dos mais belos índios,
 Não ser atacado, por ser inocente.
 Eu quis o perigo e até sangrei sozinho.
 Entenda - assim pude trazer
 Você de volta pra mim
 Quando descobri que é sempre só você
 Que me entende do início ao fim
 E é só você que tem a cura do meu vício
 De insistir nessa saudade que eu sinto
 De tudo que eu ainda não vi.
 Nos deram espelhos e vimos um mundo doente
 Tentei chorar e não consegui.

Na música Índios podem ser elencados diversos temas referentes à ocupação e expansão do território brasileiro e principalmente o genocídio contra os povos nativos que ocupavam o território antes da chegada dos europeus.

Primeiramente é importante trabalhar o conceito de descobrimento/ invasão do Brasil, reconstruindo-o como um evento intencional, a despeito da ideia de que fora obra do acaso, e diante dessa perspectiva relembrar que este território já era habitado por milhares de indígenas.

O Historiador Boris Fausto ressalta que:

Desde o século XIX, discute-se se a chegada dos portugueses ao Brasil foi obra do acaso, sendo produzida pelas correntes marítimas, ou se já havia conhecimento anterior do Novo Mundo e Cabral estava incumbido de uma espécie de missão secreta que o levasse a tomar o rumo do ocidente. Tudo indica que a expedição de Cabral se destinava efetivamente às Índias. Isso não elimina a probabilidade de navegantes europeus, sobretudo portugueses, terem frequentado a costa do Brasil antes de 1500 (FAUSTO, 1995, p. 16).

O professor pode ainda abordar o conhecimento dos Europeus sobre a circulação geral atmosférica para explicar a importância que as forças da natureza em particular a direção dos ventos e das correntes marítimas representavam para a navegação e quanto esses conhecimentos foram fundamentais para o período das expansões marítimas, possibilitando, por exemplo, a chegada dos Europeus na América.

É importante destacar ainda quem eram os povos que aqui chegaram e em busca do que deixaram a Europa? E ao chegarem o que encontraram que os fizeram permanecer?

“Quem me dera, ao menos uma vez/ Ter de volta todo o ouro que entreguei/ A quem conseguiu me convencer/ Que era prova de amizade/ Se alguém levasse embora até o que eu não tinha”.

É possível encontrar respostas a essas dúvidas no Tratado de Tordesilhas, assinado por Portugal e Espanha em 1494, onde já haviam sido delimitadas a posse das terras que fossem supostamente descobertas por essas duas coroas, e os principais motivos que impulsionaram as grandes navegações foram à busca por metais preciosos e novas rotas para o comércio de especiarias no Oriente, tendo em vista que as rotas terrestres estavam bloqueadas e o comércio de especiarias era monopolizado por genoveses e venezianos. (Castellar e Maestro, 2001).

Outra reflexão pode ser apontada na canção, quando diz:

“Que se cortava sempre um pano-de-chão/ De linho nobre e pura seda”.

É importante refletir que as mais diversas riquezas puderam ser exploradas pelos portugueses, pois diferente dos espanhóis os portugueses não encontraram o ouro logo no início da ocupação, mas destaca-se, por exemplo, a exploração do Pau-Brasil (espécie nativa da Mata Atlântica) que foi praticamente extinto e servia para o tingimento dos tecidos na Europa por sua tonalidade avermelhada e pigmentação.

Os versos a seguir chamam atenção para as diversas formas de dizimação que a população indígena sofreu:

“Que o mais simples fosse visto como o mais importante/ Mas nos deram espelhos/ E vimos um mundo doente”.

A chegada dos portugueses foi catastrófica para os indígenas, pois foram associados aos grandes xamãs (pajés), que curavam e profetizavam uma terra de abundância. Os portugueses eram vistos como seres dotados de poderes especiais, portanto eram respeitados, temidos e odiados pelos indígenas (FAUSTO, 1996).

Os portugueses convenciam e/ou chamavam atenção dos indígenas para a troca de suas riquezas com objetos simples como pentes e espelhos; pois como aponta Ribeiro (1995) no imaginário indígena os portugueses seriam generosos, principalmente por que “em seu mundo era mais belo dar do que receber” (p. 42), porém isso não significa que os índios não tenham resistido aos colonizadores, principalmente na questão de escravizá-los, mas aqueles que foram obrigados a sucumbir-se, sofreram a violência cultural, as epidemias e mortes. (FAUSTO, 1996).

Além de usar da violência e escravidão os portugueses ainda provocaram a morte de grande parte dos nativos ao trazer doenças das quais esses povos desconheciam e não possuíam imunidade, tão pouco medicamentos para combatê-las, tais como o vírus da gripe, conjuntivite, claro que muitos portugueses também adoeceram devido às diferenças no clima, contato com animais e insetos, agravando os problemas do contato entre indígenas e

portugueses, formando verdadeiras epidemias das quais os povos menos imunes, no caso os indígenas foram os maiores prejudicados.

Outro verso que precisa ser discutido lembra o quanto a vida desses povos foi alterada:

“E o futuro não é mais como era antigamente”.

Dos poucos grupos que sobreviveram ao genocídio hoje lutam para garantir a sobrevivência, e superar o etnocídio, onde seus valores, costumes e sabedoria foram destruídos. Privados de seu território, algumas tribos foram espremidas em pequenas aldeias nas periferias de cidades como São Paulo em péssimas e desumanas condições de vida, ou enfrentam vários conflitos com fazendeiros e grileiros que invadem e ocupam as terras demarcadas para a expansão agrícola e/ou pecuária como na região norte do Brasil, por exemplo, causando mais mortes e sucumbindo ainda mais essas culturas e tradições a um “propósito mercantil alheio a elas” como aponta Ribeiro (1995, p.23). O futuro desses povos tornou-se inseguro, sua existência é um risco constante com suas raízes e tradições profundamente alteradas.

A questão das tradições, da influência de usos e costumes indígenas é um vasto campo a ser discutido nas aulas de geografia, presente nos versos:

“Fazer com que o mundo saiba que seu nome/ Está em tudo e mesmo assim/ Ninguém lhe diz ao menos obrigado”.

O professor precisa resgatar em suas aulas o valor e importância desses povos para a formação étnica da população brasileira, como aponta o Antropólogo Darcy Ribeiro:

O povo-nação não surge no Brasil da evolução de formas anteriores de sociabilidade, em que grupos humanos se estruturam em classes opostas, mas se conjugam para atender às necessidades de sobrevivência e progresso. Surge, isto sim, da concentração de uma força de trabalho escrava, recrutada para servir a propósitos mercantis alheios a ela, através de processos tão violentos de ordenação e repressão que constituíram, de fato, um continuado genocídio e um etnocídio implacável. (RIBEIRO, 1995, p. 23).

A exploração desses povos e sua importância para a formação do povo brasileiro se passa muitas vezes despercebida ou menosprezada, onde a maioria das pessoas desconhece o quanto sua cultura tem influência e herança com esses povos, como hábitos e costumes alimentares, manuseio de ferramentas, na própria língua materna, que apesar da herança portuguesa, tiveram muitas palavras herdadas do vocabulário indígena e principalmente o professor de Geografia precisa trazer para o aluno a importância dos lugares, que hoje simplesmente fazem parte do cotidiano e passam despercebidos, como acontece com muitos

lugares cuja toponímia é de origem Tupi como: Anhangabaú, M'Boi Mirim, Itaquaquecetuba entre outros.

O professor deve abordar a Geografia desses lugares, qual a relação entre o lugar e sua toponímia? Qual seu significado e principalmente o que havia ali para ter recebido tal nome? Ainda existe? Se não existe quais alterações foram feitas? Essas alterações tiveram causas naturais ou antrópicas? Como a letra da música se faz lembrar, “seu nome esta em tudo” e maioria das pessoas não dá o menor valor a isso, “ninguém lhe diz ao menos obrigado”.

E para encerrar como lembra os versos:

“Quem me dera, ao menos uma vez/ Como a mais bela tribo, dos mais belos índios/ Não ser atacado, por ser inocente”.

O professor precisa reforçar a exploração e violência sofrida por esses povos, que nada fizeram de errado e foram drasticamente castigados e explorados, de quantas contribuições deixaram e nada em troca receberam.

No disco “Que país é Esse” de 1987 as canções selecionadas foram 1- Que País é Esse, 7- Faroeste Caboclo e 8- Angra dos Reis.

Que País É Este

(Renato Russo)

Nas favelas, no Senado
 Sujeira pra todo lado
 Ninguém respeita a Constituição
 Mas todos acreditam no futuro da nação
 Que país é este
 No Amazonas, no Araguaia, na Baixada Fluminense
 Mato Grosso, nas Geraes e no Nordeste tudo em paz
 Na morte eu descanso mas o sangue anda solto
 Manchando os papéis, documentos fiéis
 Ao descanso do patrão
 Que país é este
 Terceiro mundo, se for
 Piada no exterior
 Mas o Brasil vai ficar rico
 Vamos faturar um milhão
 Quando vendermos todas as almas
 Dos nossos índios num leilão.
 Que país é este

A canção “Que País é Este” possibilita a reflexão de diversas questões: econômicas, sociais, políticas, servindo de base para várias discussões em torno da disciplina geográfica.

O primeiro verso já é conciso de muitas interpretações:

“Nas favelas, no Senado/ Sujeira pra todo lado”.

No que diz respeito ao surgimento das favelas o mais importante questionamento a ser feito é o seu ONDE? Onde se localizam e por quê? Em que esse local se diferencia dos demais para favorecer o surgimento das favelas? Já a sujeira no Senado, refere-se a corrupção, as mais variadas falcaturas políticas (desvio de verba, superfaturamento de obras, privatização, escândalos, etc.)

“Ninguém respeita a Constituição/ Mas todos acreditam no futuro da nação”

A questão da Constituição, dos direitos humanos, estatutos e declarações são temas frequentemente encontrados em livros didáticos, seria interessante que juntamente com a música o professor abordasse com seus alunos o que são direitos afinal? Para que servem? São respeitados? A partir dos argumentos levantados, trazer as mais diversas situações de desrespeito a esses direitos em diferentes partes do país, e destacar ainda os motivos e interesses pelos quais esses direitos não estão sendo respeitados.

O trecho ainda aponta para outra possível abordagem, discutir o termo nação, que poderia ser definido como um conjunto de pessoas com língua, usos, costumes e em muitos casos religião comum, no entanto o professor deve levantar questionamentos aos alunos, esses elementos são suficientes para definir uma nação? Existe nação sem território?

Para facilitar a explanação dessas ideias é importante analisar as contribuições de Ribeiro (1995, p. 23) já mencionadas na canção anterior (Índios) onde o autor aponta que “o povo nação não surge no Brasil da evolução de formas anteriores de sociabilidade e sim da concentração de uma força de trabalho escrava, recrutada para servir a propósitos mercantis alheios a ela”; atrelada as palavras do Sociólogo Vieira (2005, p. 76) “no Brasil, natureza e nação estão indissolúvelmente ligadas. A identidade nacional está mais ancorada na natureza do que na história”.

É interessante observar que a palavra “natural” passou a ter um sentido ambíguo, o que permitiu um jogo de palavras que foi importante para a construção da ideia de nacionalidade no discurso oitocentista. Dizer que algo era “natural” pressupunha correspondência à própria natureza, e assim inculcia-se culturalmente entre o povo a noção de que todos aqueles nascidos no Brasil são filhos da mesma pátria, ou seja, naturais daquele lugar. Assim, dizer que o indivíduo tem determinada nacionalidade significa dizer ser “natural” de determinado país (ibidem, 81).

Outra discussão que pode ser feita encontra-se nos versos a seguir, que chamam atenção para o termo Terceiro mundo:

“Terceiro mundo, se for/ Piada no exterior”

Trata-se de uma regionalização muito utilizada durante a década de 1980, onde o Primeiro Mundo seria composto pelo bloco de países capitalistas desenvolvidos, dentre eles

Estados Unidos, Canadá, Japão e as nações da Europa ocidental, o Segundo Mundo formando pelo bloco de países socialistas e o Terceiro Mundo, pelo restante dos países capitalistas pobres, o termo Terceiro Mundo tornou-se sinônimo de subdesenvolvimento, no entanto essa regionalização entrou em desuso devido a queda do Socialismo da ex-URSS. (VESENTINI, 2009).

É importante ressaltar ainda que regionalização é uma forma de organizar o espaço geográfico, facilitando sua administração, estudos e análises agrupando-se então as regiões de acordo com características semelhantes, características essas que podem ser econômicas, naturais, políticas etc.

“Mas o Brasil vai ficar rico/ Vamos faturar um milhão/ Quando vendermos todas as almas/ Dos nossos índios num leilão”.

O trecho aponta para a exploração e extermínio sofrido pelos povos indígenas, pois como aponta a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) dos milhões e milhões de habitantes do território brasileiro antes da chegada dos portugueses, resta hoje em dia pouco mais de 800 mil índios, esse trecho também pode ser relacionada a música anterior (Índios), permitindo assim uma melhor abordagem e enriquecimento de ambas as canções.

Faroeste Caboclo

(Renato Russo)

- Não tinha medo o tal João de Santo Cristo,
Era o que todos diziam quando ele se perdeu.
Deixou pra trás todo o marasmo da fazenda
Só pra sentir no seu sangue o ódio que Jesus lhe deu.
Quando criança só pensava em ser bandido,
Ainda mais quando com um tiro de um soldado o pai morreu
Era o terror da cercania onde morava
E na escola até o professor com ele aprendeu.
Ia pra igreja só pra roubar o dinheiro
Que as velhinhas colocavam na caixinha do altar.
Sentia mesmo que era mesmo diferente
Sentia que aquilo ali não era o seu lugar
Ele queria sair para ver o mar
E as coisas que ele via na televisão
Juntou dinheiro para poder viajar
E de escolha própria, escolheu a solidão
Comia todas as menininhas da cidade
De tanto brincar de médico, aos doze era professor.
Aos quinze, foi mandado para o reformatório
Onde aumentou seu ódio diante de tanto terror.
Não entendia como a vida funcionava -
Discriminação por causa da sua classe ou sua cor
Ficou cansado de tentar achar resposta
E comprou uma passagem, foi direto a Salvador.

E lá chegando foi tomar um cafezinho
 E encontrou um boiadeiro com quem foi falar
 E o boiadeiro tinha uma passagem e ia perder a viagem
 Mas João foi lhe salvar
 Dizia ele: - Estou indo pra Brasília
 Neste país lugar melhor não há.
 Estou precisando visitar a minha filha
 Então fico aqui e você vai no meu lugar.
 E João aceitou sua proposta e num ônibus entrou no Planalto Central
 Ele ficou bestificado com a cidade
 Saindo da rodoviária, viu as luzes de Natal.
 - Meu Deus, mas que cidade linda,
 No ano-novo eu começo a trabalhar.
 Cortar madeira, aprendiz de carpinteiro
 Ganhava três mil por mês em Taguatinga
 Na sexta-feira ia pra zona da cidade
 Gastar todo o seu dinheiro de rapaz trabalhador
 E conhecia muita gente interessante
 Até um neto bastardo do seu bisavô:
 Um peruano que vivia na Bolívia
 E muitas coisas trazia de lá
 Seu nome era Pablo e ele dizia
 Que um negócio ele ia começar.
 E o Santo Cristo até a morte trabalhava
 Mas o dinheiro não dava pra ele se alimentar
 E ouvia às sete horas o noticiário
 Que sempre dizia que o seu ministro ia ajudar
 Mas ele não queria mais conversa e decidiu que,
 como Pablo, ele ia se virar
 Elaborou mais uma vez seu plano santo
 E, sem ser crucificado, a plantação foi começar.
 Logo logo os malucos da cidade souberam da novidade:
 - Tem bagulho bom aí!
 E João de Santo Cristo ficou rico
 E acabou com todos os traficantes dali.
 Fez amigos, freqüentava a Asa Norte
 E ia pra festa de rock, pra se libertar
 Mas de repente
 Sob uma má influência dos boyzinhos da cidade
 Começou a roubar.
 Já no primeiro roubo ele dançou
 E pro inferno ele foi pela primeira vez
 Violência e estupro do seu corpo
 - Vocês vão ver, eu vou pegar vocês.
 Agora o Santo Cristo era bandido
 Destemido e temido no Distrito Federal
 Não tinha nenhum medo de polícia
 Capitão ou traficante, playboy ou general.
 Foi quando conheceu uma menina
 E de todos os seus pecados ele se arrependeu.
 Maria Lúcia era uma menina linda
 E o coração dele
 Pra ela o Santo Cristo prometeu
 Ele dizia que queria se casar
 E carpinteiro ele voltou a ser

- Maria Lúcia, pra sempre vou te amar
 E um filho com você eu quero ter.
 O tempo passa e um dia vem à porta um senhor de alta classe com dinheiro na mão
 E ele faz uma proposta indecorosa e diz que espera uma resposta.
 Uma resposta do João:
 - Não boto bomba em banca de jornal nem em colégio de criança
 Isso eu não faço não
 E não protejo general de dez estrelas, que fica atrás da mesa
 Com o cu na mão.
 E é melhor senhor sair da minha casa
 Nunca brinque com um Peixes com ascendente Escorpião.
 Mas antes de sair, com ódio no olhar, o velho disse:
 - Você perdeu sua vida, meu irmão.
 Você perdeu a sua vida meu irmão. Você perdeu a sua vida meu irmão
 Essas palavras vão entrar no coração
 E Eu vou sofrer as conseqüências como um cão.
 Não é que o Santo Cristo estava certo
 Seu futuro era incerto e ele não foi trabalhar
 Se embebedou e no meio da bebedeira descobriu que tinha outro
 Trabalhando em seu lugar
 Falou com Pablo que queria um parceiro
 E também tinha dinheiro e queria se armar
 Pablo trazia o contrabando da Bolívia e Santo Cristo revendia em Planaltina
 Mas acontece que um tal de Jeremias, traficante de renome,
 Apareceu por lá
 Ficou sabendo dos planos de Santo Cristo
 E decidiu que, com João ele ia acabar.
 Mas Pablo trouxe uma Winchester-22
 E Santo Cristo já sabia atirar
 E decidiu usar a arma só depois
 Que Jeremias começasse a brigar
 (O Jeremias, maconheiro sem-vergonha, organizou a Rockonha
 E fez todo mundo dançar)
 Desvirginava mocinhas inocentes
 E dizia que era crente mas não sabia rezar
 E Santo Cristo há muito não ia pra casa
 E a saudade começou a apertar
 - Eu vou embora, eu vou ver Maria Lúcia
 Já tá em tempo de a gente se casar.
 Chegando em casa então ele chorou
 E pro inferno ele foi pela segunda vez
 Com Maria Lúcia Jeremias se casou
 E um filho nela ele fez.
 Santo Cristo era só ódio por dentro e então o Jeremias pra um duelo ele chamou
 Amanhã às duas horas na Ceilândia, em frente ao lote 14, é pra lá que eu vou
 E você pode escolher as suas armas que eu acabo mesmo com você, seu porco traidor
 E mato também Maria Lúcia, aquela menina falsa pra quem jurei o meu amor
 Santo Cristo não sabia o que fazer
 Quando viu o repórter da televisão
 Que deu notícia do duelo na TV
 Dizendo a hora e o local e a razão
 No sábado então, às duas horas, todo o povo
 Sem demora foi lá só para assistir
 Um homem que atirava pelas costas e acertou o Santo Cristo
 E começou a sorrir.

Sentindo o sangue na garganta,
 João olhou pras bandeirinhas e pro povo a aplaudir
 E olhou pro sorveteiro e pras câmeras e
 A gente da TV que filmava tudo ali.
 E se lembrou de quando era uma criança e de tudo o que vivera até ali
 E decidiu entrar de vez naquela dança
 - Se a via-crucis virou circo, estou aqui.
 E nisso o sol cegou seus olhos e então Maria Lúcia ele reconheceu
 Ela trazia a Winchester-22
 A arma que seu primo Pablo lhe deu
 - Jeremias, eu sou homem. coisa que você não é.
 E não atiro pelas costas não.
 Olha pra cá filha-da-puta, sem-vergonha
 Dá uma olhada no meu sangue
 E vem sentir o teu perdão.
 E Santo Cristo com a Winchester-22
 Deu cinco tiros no bandido traidor
 Maria Lúcia se arrependeu depois
 E morreu junto com João, seu protetor
 E o povo declarava que João de Santo Cristo era santo porque sabia morrer
 E a alta burguesia da cidade não acreditou na estória que eles viram na TV
 E João não conseguiu o que queria quando veio pra Brasília, com o diabo ter
 Ele queria era falar pro presidente
 Pra ajudar toda essa gente
 Que só faz sofrer.

A música “Faroeste Caboclo” em primeira impressão não apresenta nada geográfico, onde é narrado o desenvolver de uma história fictícia, no entanto o cenário descrito nessa história é que se torna o campo a ser explorado nas aulas de Geografia; uma opção para potencializar a utilização da música e facilitar a explanação dos conteúdos seria a utilização do filme “Faroeste Caboclo” dirigido por René Sampaio, que foi inspirado na canção tendo como pano de fundo a capital do país e cenas do cotidiano de Brasília, tanto a música quanto o filme servem como ponto de partida para trabalhar em sala de aula temas como migração, questão agrária e cidades gêmeas.

Tratando-se de migração, em primeiro lugar é preciso indagar onde elas ocorrem e por quais motivos (de onde sai o emigrante e por quê? Para onde se destina, por que para lá e não outro lugar?).

“Deixou pra trás todo o marasmo da fazenda”

Os versos permitem a análise do êxodo rural, ou seja, o movimento populacional de pessoas do campo em direção as grandes cidades na maioria dos casos buscando melhores condições de vida, fugindo da seca e/ou das perdas agrícolas e em muitos casos os trabalhadores são expulsos de suas terras por grandes fazendeiros ou grileiros para a expansão

de cultivos como a soja, por exemplo, ou ainda de trabalhadores rurais que desistem da luta pela terra (Reforma Agrária).

Os depoimentos colhidos pelo geógrafo Ariovaldo Umbelino de Oliveira no que diz respeito a Reforma Agrária no Brasil reforçam a questão do trabalhador rural ser espremido as periferias da cidade:

Sempre ouvi nos acampamentos de Sem-Terra, os camponeses acampados dizendo frases como *eu prefiro morrer lutando por um pedaço de terra, morrer dignamente, do que morrer como indigente nas periferias da cidade*. Portanto, a chegada à cidadania de grande parte destes pobres passa pela Reforma Agrária. (OLIVEIRA, 2001, p. 205).

O trecho a seguir chama atenção para o papel dos meios de comunicação que enaltecem e reforçam a supervalorização de alguns lugares em detrimento de outros:

“Sentia mesmo que era mesmo diferente/ Sentia que aquilo ali não era o seu lugar/ Ele queria sair para ver o mar/ E as coisas que ele via na televisão”.

A televisão contribuiu muito e ainda contribui para a criação do imaginário de que nas capitais, sobretudo no Sudeste a vida é fácil, todos conseguem bons empregos e bons salários, atraindo grandes contingentes populacionais para essas regiões.

“Dizia ele: - Estou indo pra Brasília/ Neste país lugar melhor não há”.

Os versos apontam para a migração em direção à capital do país, que durante décadas foi o grande polo de atração de pessoas das mais diversas partes do país, sendo vista como sinônimo do progresso e desenvolvimento, marcado por sua arquitetura imponente, também observável no trecho:

“Ele ficou bestificado com a cidade/ Saindo da rodoviária, viu as luzes de Natal/ - Meu Deus, mas que cidade linda”.

Os geógrafos Bertha Becker e Claudio Egler apontam os diferentes significados (simbólico, político e econômico) que a construção de Brasília representou no imaginário brasileiro, referente ao “Plano de Metas” (50 anos em 5) do então presidente Juscelino Kubitschek :

A construção de Brasília no Planalto Central, um velho sonho desde o Império, teve um significado simbólico, de que o governo Kubitschek estaria de fato construindo um “novo Brasil” em cinco anos, e de legitimação do seu poder por todo o território nacional. Teve um significado político, isolando o poder central das pressões políticas da sociedade “costeira”, particularmente das massas urbanas do Rio de Janeiro. E teve também um significado econômico. Situada em posição central estratégica, contato entre o litoral e o sertão e entre as áreas dinâmicas estagnadas e despovoadas, a nova capital tornou-se ponto de convergência das grandes rodovias de acesso ao Sul, Leste e Nordeste, e de penetração no Norte e no Oeste. (BECKER; EGLER, 2003, p. 87)

O trecho a seguir remete-se a exploração do trabalhador e a precariedade das condições de vida, que não é um fenômeno exclusivo do campo:

“E o Santo Cristo até a morte trabalhava/ Mas o dinheiro não dava pra ele se alimentar/ E ouvia às sete horas o noticiário/ Que sempre dizia que o seu ministro ia ajudar”.

O emigrante que deixou sua terra natal na esperança de que em uma cidade suntuosa como Brasília encontraria melhores condições de vida, engana-se, pois o exército industrial de reserva⁷, não irá lhe permitir alcançar bons empregos (caso consiga um emprego terá que se sujeitar a salários cada vez mais baixos), o aumento populacional de uma cidade, seja ela qual for, contribui ainda mais para o surgimento de moradias precárias, mesmo sendo Brasília uma cidade planejada, esse planejamento não foi feito para as pessoas, pensando na qualidade de vida da população e sim pelo e/ou para os objetivos políticos, para atender os interesses da classe dominante.

Para finalizar um trecho que permite interpretações, aponta a questão do contrabando e do tráfico que ocorre entre os países da América do Sul.

“Pablo trazia o contrabando da Bolívia e Santo Cristo revendia em Planaltina”.

A proximidade entre os países pode ser facilmente compreendida pelos alunos se o professor trabalhar a presença de cidades gêmeas, estas que segundo Becker (2007, p. 58) são “cidades vizinhas localizadas em cada lado fronteiro”, tornam-se o principal elo entre esses países, a autora ainda destaca a relação fronteira entre os países Brasil, Bolívia e Peru:

Região fronteira Brasil (AC e RO)-Bolívia/Peru. A principal característica natural dessa região fronteira consiste na existência de sub-bacias com possibilidades de servirem de integração entre os territórios boliviano e brasileiro. Por sua vez, relações vêm se intensificando nessa fronteira tripartite, onde são numerosas as cidades gêmeas e em processo de geminação. (BECKER, 2007, p. 63)

Essa proximidade e facilidade de atravessar as fronteiras desses países em direção ao Brasil e vice-versa, contribuem para o aumento da circulação dos produtos contrabandeados e facilitam o tráfico de entorpecentes no país, pois em grande parte o contrabando e as drogas que circulam no país, são trazidas dos países vizinhos, ou ainda Brasil juntamente com os outros países da América do sul, são utilizados, como rota de passagem para o contrabando e tráfico de diversas partes do mundo.

⁷ Termo desenvolvido por Karl Marx, onde a força de trabalho excede a necessidade de produção.

Angra Dos Reis

(Renato Russo/ Renato Rocha/ Marcelo Bonfá)

Deixa, se fosse sempre assim quente
 Deita aqui perto de mim
 Tem dias em que tudo está em paz
 E agora os dias são iguais.
 Se fosse só sentir saudade
 Mas tem sempre algo mais
 Seja como for
 É uma dor que dói no peito
 Pode rir agora que estou sozinho
 Mas não venha me roubar.
 Vamos brincar perto da usina
 Deixa pra lá, a angra é dos Reis
 Por que se explicar se não existe perigo?
 Senti teu coração perfeito bBatendo à toa
 E isso dói
 Seja como for
 É uma dor que dói no peito
 Pode rir agora que estou sozinho
 Mas não venha me roubar
 Vai ver que não é nada disso
 Vai ver que já não sei quem sou
 Vai ver que nunca fui o mesmo
 A culpa é toda sua e nunca foi...
 Mesmo se as estrelas comessem a cair
 E a luz queimasse tudo ao redor
 E fosse o fim chegando cedo
 E você visse o nosso corpo em chamas
 Deixa, pra lá.
 Quando as estrelas começarem a cair
 Me diz, me diz pra onde a gente vai fugir?

A canção “Angra Dos Reis” permite a análise da implantação das usinas nucleares no Brasil, o Centro Nuclear Almirante Álvaro Alberto (CNAAB), que corresponde as usinas Angra I, II e III, localizadas na praia de Itaorna em Angra dos Reis-RJ, porém antes de abordar a questão nuclear propriamente dita seria interessante uma explanação a respeito da matriz energética brasileira.

Segundo dados publicados pelo Ministério de Minas e Energia (2012) sobre a oferta interna de energia do Brasil: 42,4% do total é obtido de fontes renováveis, entre elas (13,8%) hidráulica, (9,1%) lenha, (15,4%) cana de açúcar e seus derivados, (4,1%) outras fontes como a solar e a eólica, enquanto o percentual de energia através de fontes não renováveis seriam (39,2%) do petróleo e seus derivados, (11,5%) do gás natural, (5,4%) do carvão mineral e (1,5%) do Urânio.

Segundo Tolmasquim, Guerreiro e Gorini (2007, p. 47) “o Brasil dispõe de condições especialíssimas de recursos energéticos renováveis e de tecnologia para transformar suas riquezas naturais em energia e dessa forma agregar valor à sua produção de riqueza”, no entanto este potencial ainda é pouco explorado, como apontaram os dados do Ministério de Minas e Energia, onde a energia oriunda das fontes solar e eólica correspondem apenas a (4,1%) do total obtido no país.

Ao tratar da energia nuclear, primeiramente se faz necessário explicar o funcionamento de uma Usina. A energia elétrica obtida pelas usinas nucleares baseia-se na fissão dos átomos de urânio (elemento altamente radioativo), a energia liberada pela fissão, transforma a água em vapor, que faz girar uma turbina, cujo gerador converte a energia mecânica em energia elétrica. (VESENTINI, 2009).

Outra questão importante a ser analisada é o perigo da utilização da energia nuclear, pois, a queima do urânio nos reatores dá origem ao plutônio (material tóxico e perigoso utilizado na fabricação e armas nucleares). Um reator pode gerar aproximadamente 120 kg de plutônio anualmente, sendo apenas 10 kg suficientes para fabricar uma bomba atômica. (ibidem).

Sobre o armamento nuclear o Greenpeace (2010, p. 13) aponta que:

É impossível impedir que uma grande usina de reprocessamento nuclear transforme resíduo em armas nucleares, bastam de quatro a seis meses para a construção de uma usina de separação de plutônio de pequena escala, qualquer país com um reator ordinário é capaz de produzir armas nucleares de forma relativamente rápida, levando insegurança ao mundo.

Tendo em vista o funcionamento e o perigo de sua utilização a interpretação da música auxilia o professor a aproximar esses conteúdos ao educando, facilitando a compreensão dos impactos que podem causar como se pode observar nos versos a seguir:

“Deixa, se fosse sempre assim quente”

A música faz referência ao aquecimento do meio ambiente, sobretudo marinho, esse aquecimento do meio ambiente ao redor da usina deve-se ao vapor produzido para girar as turbinas e a água do mar que é utilizada para resfriar os equipamentos e depois devolvida para o mar. (VESENTINI, 2009).

Ponsoni (2007, p.160) afirma que “a água captada junto a praia de Itaorna pelas usinas nucleares Angra I e II após passar pelo sistema de refrigeração das centrais nucleares, é lançada na enseada de Piraquara de Fora”, o professor deve aproveitar esses temas e abordar as consequências e problemas que o aumento da temperatura pode causar nesses ambientes.

O trecho *“Tem dias em que tudo está em paz/ E agora os dias são iguais”*, aponta para os problemas da utilização da energia vinda de Angra que na década de 1990 era conhecida como “vaga-lume” que acende e apaga, devido aos constantes problemas de seu funcionamento e ineficiência, ineficiência esta que pode ser apontada ainda hoje (juntas Angra I e II são responsáveis por menos de 2% da produção energética do país).

“Vamos brincar perto da usina/ Deixa pra lá, a angra é dos Reis/ Por que se explicar se não existe perigo”?

Os versos reforçam os perigos da instalação de uma usina nuclear sobretudo na praia, onde qualquer acidente grave envolvendo a radiação seria fatal, pois a possibilidade de conter e isolar o ocorrido no mar é mínima, se é que existe. A ironia apontada na música reforça o interesse Governamental e dos meios de comunicação em afirmar a segurança da usina *“Por que se explicar se não existe perigo”?*

Esse esforço também é notável nos jornais e panfletos distribuídos pela Eletronuclear, aos visitantes da usina:

“A indústria nuclear é uma das poucas atividades com interferência humana, que tem capacidade para controlar totalmente os rejeitos que produz. Devido às características do material radioativo, a Eletronuclear armazena e controla, em tempo integral, os rejeitos das usinas de Angra” (ELETRONUCLEAR, 2009⁸).

A pesar da insistente afirmação de que o tratamento dos rejeitos é adequado, não existe de fato uma solução para o lixo nuclear como aponta o Greenpeace (2010, p. 13)

Embora as usinas nucleares produzam muito menos dióxido de carbono do que a queima de combustíveis fósseis para gerar energia, seu funcionamento causa diversas ameaças às pessoas e ao meio ambiente, os principais riscos são: proliferação nuclear, lixo nuclear, riscos de segurança [...] em nenhum lugar do mundo uma usina comercialmente operante foi completamente descomissionada e ainda não há solução para o lixo nuclear, esses custos poderiam ser melhor aplicados no desenvolvimento e na construção de usinas de fonte renovável.

O trecho a seguir aponta para o perigo de um acidente envolvendo a radiação

“Mesmo se as estrelas comessem a cair/ E a luz queimasse tudo ao redor/ E fosse o fim chegando cedo/ E você visse o nosso corpo em chamas/ Deixa, pra lá”.

Para facilitar a compreensão do aluno a cerca do perigo desse possível acidente seria interessante resgatar com os alunos casos de acidentes com esses materiais como os acidentes

⁸ ELETRONUCLEAR, 2009, consiste em um panfleto/ encarte que foi distribuído gratuitamente a todos os visitantes da Usina de Angra dos Reis em Outubro de 2009, pelos funcionários/monitores da visita técnica, realizada pelos alunos do segundo ano de Licenciatura em Geografia da Universidade Bandeirante de São Paulo.

de Chernobyl e Césio 137 e que as consequências de ambos ainda podem ser observadas na população, que anos depois ainda apresentam vestígios do contato/exposição a essa radiação.

A pesar de todos os estudos, interesses políticos e econômicos e a incessante afirmação de que o funcionamento das usinas de Angra são seguros como podem ser observados na publicação da ELETRONUCLEAR, 2009:

Os rejeitos radioativos ficam em depósitos, dentro da área da Central Nuclear Almirante Álvaro Alberto (CNAAB), em Itaorna, até que a Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) escolha um local para armazená-los definitivamente (assim como outros materiais radioativos usados pela indústria ou pela Medicina).

O risco de um acidente nuclear existe e não se trata de pessimismo ou alarmismo, basta analisar os casos de acidentes envolvendo usinas nucleares em países que as utilizam como principal fonte de energia e a mais tempo que o Brasil.

“A maioria dos países do mundo que se utiliza da energia nuclear para a geração de energia elétrica tem realizado uma ampla revisão nos seus projetos em andamento”. (PONSONI, 2007, p.157).

Diante desses impasses fica visível a necessidade de se investir em fontes alternativas de energia, como afirmam Tolmasquim, Guerreiro e Gorini (2007, p. 69)

O setor energético brasileiro não pode prescindir de um processo de conhecimento contínuo, sistematizado e dinâmico em face dos desafios de criar condições para a rápida expansão de oferta que se avizinha e de implantar o processo de diversificação da matriz energética, fundamental como posicionamento estratégico perante o panorama energético mundial.

Para finalizar os últimos versos deixam uma dúvida que deve ser lançada aos alunos:

“Quando as estrelas começarem a cair/ Me diz, me diz pra onde a gente vai fugir”?

No disco “Música para acampamentos” de 1992 a canção selecionada foi a faixa? A Canção do Senhor da Guerra.

A Canção do Senhor da Guerra

(Renato Russo)

Existe alguém
Esperando por você
Que vai comprar
A sua juventude
E convencê-lo a vencer.
Mais uma guerra sem razão
Já são tantas as crianças
Com armas na mão
Mas explicam novamente
Que a guerra gera empregos
Aumenta a produção.

Uma guerra sempre avança a tecnologia
 Mesmo sendo guerra santa
 Quente, morna ou fria
 Pra que exportar comida?
 Se as armas dão mais lucros na exportação.
 Existe alguém que está contando com você
 Pra lutar em seu lugar
 Já que nessa guerra não é ele quem vai morrer.
 E quando longe de casa
 Ferido e com frio
 O inimigo você espera
 Ele estará com outros velhos Inventando
 Novos jogos de guerra.
 Que belíssimas cenas de destruição
 Não teremos mais problemas com a superpopulação.
 Veja que uniforme lindo
 Fizemos pra você
 Lembre-se sempre
 Que Deus está do lado de quem vai vencer

A Canção do Senhor da Guerra permite discussões e reflexões em torno dos mais diversos conflitos mundiais, podendo ser utilizada como introdução ou desenvolvimento dos conteúdos nas aulas de Geografia.

“Existe alguém/ Esperando por você/ Que vai comprar/ A sua juventude/ E convencê-lo a vencer”.

Já nos primeiros versos podem ser feitos questionamentos a cerca dos alistamentos militares e convocações para a guerra. É função dos professores de Geografia, sobretudo da atualidade desmascarar o falso nacionalismo e patriotismo tão atrelado a Geografia por tanto tempo, em sua clássica obra “A Geografia, isso serve em primeiro lugar a para fazer a guerra”, o geógrafo Yves Lacoste já questionava essa suposta neutralidade, de uma disciplina “que nada havia de aprender bastando apenas a memorização dos fenômenos” (2008, p. 21), o autor ainda destaca que “a geografia escolar que ignora toda prática teve, de início, a tarefa de mostrar a pátria” (ibidem, p. 53), mas antes de aprofundar a questão do patriotismo o professor deveria trabalhar com seus alunos a falsa ideia de uma identidade nacional, pois como bem aponta Vieira (2005, p. 71)

A ideia de nação como identidade cultural unificada é um mito. As nações modernas são híbridos culturais. O discurso da unidade ou identidade oculta diferenças de classe, étnicas, religiosas, regionais etc. As diferenças culturais foram sufocadas em nome da construção da identidade nacional.

A inserção do patriotismo muitas vezes tem início na escola e reforça-se nos serviços militares (alistamento obrigatório para jovens ao completar 18 anos, por exemplo) é desenvolvido de tal forma que esses jovens são obrigados a treinar e estar prontos, caso haja a

necessidade de guerrear; o verso “*E convencê-lo a vencer*” é facilmente identificado no juramento à bandeira, realizado na dispensa do Serviço Militar.

“Dispensado da prestação do Serviço Militar inicial, por força de disposições legais e consciente dos deveres que a Constituição impõe a todos os brasileiros, para com a defesa nacional, prometo estar sempre pronto a cumprir com as minhas obrigações militares, inclusive a de atender a convocações de emergência e, na esfera das minhas atribuições, a dedicar-me inteiramente aos interesses da Pátria, cuja honra, integridade e instituições defenderei, com o sacrifício da própria vida” (Artigo 217 do Decreto nº 57.654, de 20 de janeiro de 1966).

Seria interessante confrontar esse nacionalismo forçado, expresso no juramento à bandeira às ideologias de patriotismo presentes nos hinos nacionais, o valor de se “morrer pela pátria”, expresso nas ideias de Vieira (2005, p. 75, 76):

Um bom exemplo do espírito predominante no período de formação nacional são os hinos nacionais, que refletem o espírito de conquista da independência nacional contra países colonizadores [...] Na América Latina, basta consultar alguns hinos para verificar até que ponto o apelo para morrer pela pátria está enraizado no espírito da época como marco da identidade nacional [...] No caso dos países que travaram guerras de independência nacional, o apelo dos hinos a morrer pela pátria pode ter um duplo sentido: mobilização para a guerra ou homenagem aos soldados que tombaram no campo de batalha.

Os versos a seguir poderiam ser trabalhados principalmente com conflitos envolvendo Oriente Médio e África onde é comum o papel da “criança soldado”.

“Mais uma guerra sem razão/ Já são tantas as crianças/ Com armas na mão”

Um dos “personagens dos conflitos atuais da África é a criança soldado”, Olic (2004, p. 60), segundo o autor são crianças pequenas, muitas vezes menores de 10 anos, que em sua maioria testemunharam atrocidades contra seus familiares, são levadas e treinadas, inclusive por membros da própria família, o autor ainda chama atenção para o papel fundamental da indústria bélica ao produzir armas cada vez mais leves, pois para boa parte dessas crianças estão participando de uma brincadeira, já que esta perde sua infância e é vista como um adulto em miniatura.

“Mas explicam novamente/ Que a guerra gera empregos/ Aumenta a produção”.

Esses versos apontam para o aumento e produção bélica que se tornou um ramo muito mais lucrativo e vantajoso economicamente do que a produção de alimentos, outro trecho da música reforça a ideia de que a produção bélica é mais vantajosa que a de alimentos “*Pra que exportar comida? Se as armas dão mais lucros na exportação*”.

Outro trecho que precisa ser discutido, pois permite refletir sobre o desenvolvimento da ciência e tecnologia proporcionado pelas guerras:

“Uma guerra sempre avança a tecnologia/ Mesmo sendo guerra santa/ Quente, morna ou fria”.

No caso da guerra fria, a disputa bipolar entre os sistemas Capitalista e Socialista, proporcionaram inúmeras descobertas e avanços científicos, além da disputa armamentista.

“Existe alguém que está contando com você/ Pra lutar em seu lugar/ Já que nessa guerra não é ele quem vai morrer./ E quando longe de casa/ Ferido e com frio/ O inimigo você espera/ Ele estará com outros velhos Inventando/ Novos jogos de guerra”.

Esse trecho chama atenção para os motivos e interesses que provocam as guerras, estes que podem ser políticos, econômicos, disputas por territórios, matéria prima etc, e os idealizadores/mandantes, aqueles a quem interessam os conflitos, os representantes dos Estados maiores e o topo da hierarquia militar como Coronéis e Generais, não vão para a linha de front, não são estes os primeiros a sofrer as consequências das batalhas.

Ao discutir os conflitos do mundo atual e seus motivos seria importante enfatizar com os alunos o conceito de território enquanto uma relação de espaço e poder, como aponta Raffestin:

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço. [...] O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. (apud SOUZA; PASSOS⁹, 2007, p. 04).

Os versos a seguir tornam-se fonte para pelo menos duas reflexões:

“Que belíssimas cenas de destruição/ Não teremos mais problemas com a superpopulação”.

Primeiramente a guerra enquanto notícia, como manchete para a indústria midiática as guerras são sem dúvida um vasto campo a ser explorado, sem contar que são verdadeiras máquinas para mover economia de muitos países, sejam daqueles que aproveitam para o surgimento de falsas ONG’s de ação humanitária seja para os que vivem da produção bélica (Quem produz os armamentos? Onde estes são produzidos?) tanto para os produtores quanto para as supostas ajudas não há melhor forma de girar a economia do que uma guerra, como aponta o verso *“Que belíssimas cenas de destruição”*. Já o trecho seguinte *“Não teremos mais*

⁹ Texto resultante de reflexões no âmbito da disciplina “O tempo, o espaço e o território: uma questão de método”, ministrada pelo Prof. Dr. Marcos A. Saquet (UNIOESTE/PR) no Programa de Pós-graduação em Geografia da FCTUNESP, campus de Presidente Prudente, no segundo semestre de 2007.

problemas com a superpopulação” possibilita a discussão do crescimento demográfico sobre o ponto de vista Malthusiano.

O pastor e escritor Thomas Robert Malthus, analisando as condições da Inglaterra no final do século XVIII e início do século XIX defendia que miséria seria um obstáculo positivo, pois segundo sua “lei natural” o crescimento acelerado da população se daria em ritmo geométrico enquanto a produção de alimentos seria em ritmo aritmético, então as guerras, fome e epidemias tornavam-se positivas, pois funcionariam como um controle natural da população. (DAMIANI, 2008).

“Veja que uniforme lindo/ Fizemos pra você/ Lembre-se sempre/ Que Deus está do lado de quem vai vencer”.

Para finalizar a canção, outra questão envolvendo os conflitos, são as “Guerras Santas”, essas que são causadas pelas diferenças religiosas, na maioria dos casos com a imposição de valores ou dogmas, utilizando a força e a violência, tendo com justificativa ganhar o caminho do céu, ou agradar a um Deus (Guerras Santas são mais comuns em religiões monoteístas, entre elas destacando-se o Cristianismo e Islamismo). O professor pode abordar os diversos conflitos envolvendo essas temáticas, inclusive essa mesma música servir como ponto de partida para abordar o terrorismo e outros conflitos do mundo atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto conclui-se que a utilização da música em sala de aula pode se tornar um recurso bastante válido para atrair o adolescente/jovem, tornando-se um elo entre o educando e o professor e que as músicas podem dinamizar as atividades desenvolvidas tornando as mais prazerosas e de maior facilidade de assimilação.

Como pôde ser observado, essa dinamização e aproximação entre o educando e a Geografia se faz mais do que necessária, pois essa ciência que tanto pode contribuir para a interpretação e compreensão do mundo é encarada como algo extremamente maçante e memorativo.

O papel do professor é fundamental, este precisa ter clareza de quais são seus objetivos e o que espera despertar em seus alunos, pois o mais importante dos conteúdos se não houver clareza do que pretende alcançar se torna apenas reprodução e transmissão de algo que já vem pronto em livros didáticos.

Ficou evidente que o livro didático não pode ser o único e fiel material a ser utilizado para desenvolver as aulas, “definidor de todo seu curso e única fonte de consulta” como apontou Vesentini, no entanto não basta substituir o livro didático por outros recursos como a música, por exemplo, e continuar reproduzindo as mesmas aulas, abordando da mesma forma sem questionamentos ou clareza de objetivos.

A música assim como qualquer outro recurso didático pedagógico deve ser encarada como uma aliada do professor a fim de aproximar o jovem que tem tanto desinteresse e não vê nada de importante na Geografia às aulas, participando das análises, apontando questionamentos e mais importante, que consiga desnaturalizar supostas verdades e compreenda o Estar do Ser, ou seja, perceba que existe sempre um motivo para as coisas estarem Onde estão.

Ficou evidente que o professor precisa se atualizar constantemente e rever seus propósitos e objetivos, não há mais espaço para a reprodução de conteúdos sem contestação, os conteúdos precisam ser ensinados de maneira que o aluno de fato se aproprie e se desenvolva, diante de múltiplas inteligências que podem e devem ser potencializadas, ater-se apenas em linguagem ou lógica não são mais suficientes para definir o processo de ensino-aprendizagem, se é que um dia foram; vale ainda destacar que não se pretende substituir ou

romper com os clássicos, abandonar as leituras e produções e sim elencar outras possibilidades de abordagem ou ainda complementar a utilização desses clássicos, tornando-os mais atrativos e próximos ao educando.

Espera-se que no desenvolver desse trabalho se tenha compreendido a importância de dinamizar as atividades em sala, inovando na seleção de materiais como foi o caso da utilização das letras da Legião Urbana, a seleção dos autores ou da música precisa ser bastante objetiva, levando em consideração sua Geografia (Onde e Por que), como no caso da Legião Urbana provavelmente fora de Brasília em outro contexto histórico social do país ou de jovens em outra situação econômica ela não teria se tornado o fenômeno que se tornou ou pelo menos suas abordagens seriam diferentes e isso precisa ser bastante enfatizado aos estudantes ao abordar as letras em sala de aula.

Cabe ainda destacar que em uma primeira análise geográfica, as músicas selecionadas pareceram ser as mais adequadas para o tema proposto para esta monografia, porém isso não significa que as possibilidades de utilização e abordagem tenham sido esgotadas, por esse motivo foi apresentada a discografia da banda, permitindo e facilitando outras pesquisas que possivelmente venham a se debruçar sobre suas letras, pois como enfatizado na discografia da banda há um repertório considerável que pode ainda ser explorado; como bem apontou o geógrafo Roberto Lobato Corrêa “a música popular é um amplo campo, pouco explorado pelos geógrafos brasileiros”, isso foi facilmente compreendido diante da dificuldade de encontrar referencial teórico sobre o tema.

Foi possível observar no que diz respeito a produção pedagógica, sobre a utilização da música em sala de aula o número de publicações é bastante significativo, já quanto a música no ensino de Geografia esse número reduziu consideravelmente e no que diz respeito a Legião Urbana no ensino foram encontradas algumas publicações no campo da disciplina História, porém nenhuma na Geografia, isso só fez comprovar as palavras de Kong “os geógrafos foram, durante muito tempo, profundamente elitistas em seus interesses”, privilegiando em demasia a cultura das elites em detrimento da cultura popular, então fica aqui a sugestão para futuros trabalhos, ampliar a análise geográfica das letras da Legião Urbana, ou ainda analisar outras tantas bandas do cenário musical nacional.

Quanto à análise das letras é importante destacar que não se esgotaram as opções e possibilidades de interpretações, foram feitas sugestões e apontamentos, cabe ao professor trabalhá-las com outros olhares, atendo-se em destacar o Estar do Ser (Onde).

Por fim espera-se com a conclusão do presente trabalho contribuir ainda que minimamente, para uma maior dinamização das aulas de Geografia, tornando as mais

atrativas, desfazendo seu caráter enfadonho, desconexo e mnemônico tão apontado pelos estudantes ao longo dos anos da disciplina, sabe-se ainda que este é um longo e árduo caminho a ser percorrido e não faltarão impasses ou dificuldades a superar, no entanto que este seja um passo em direção ao encanto há tempos ausente nas aulas de Geografia.

REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, F. *Os condicionantes do desenvolvimento do Estado da Bahia*. (Tese de Doutorado), Universidade de Barcelona, Barcelona, 2003.

ALVES, G. de A. *Cidade, cotidiano e TV* in CARLOS A. F.A (org). *A Geografia na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2005.

BECKER, B. K. *Amazônia-Geopolítica na Virada do III Milênio*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007

BECKER, B. K. e EGLER, C. A. G. *Brasil Uma nova potência Regional na Economia-Mundo*, 4ª ed. Bertrand Brasil, 2003.

BIGAND, E. *Ouvido afinado. Viver Mente & Cérebro*: revista de psicologia, psicanálise, neurociências e conhecimento, São Paulo, jun. 2005.

BRASIL, Decreto nº 57.654, de 20 de Janeiro de 1996, Regulamenta a lei do Serviço Militar (Lei nº 4.754, de 17 de agosto de 1964), retificada pela lei nº 4.754, de 18 de agosto de 1965, (artigo 217).

CASTELLAR, S. M. V; OLIVEIRA, V. M. *Geografia 8ª série*. São Paulo: Quinteto Editorial, 2001.

CASTRO, D. *Geografia e Música: A dupla face de uma relação*. Espaço e cultura. UERJ, Rio de Janeiro, N. 26, P. 7-18, JUL./DEZ. DE 2009

CORRÊA, R.L. *Geografia, literatura e música popular uma bibliografia*. Espaço e cultura, UERJ, N. 6, JUL/DEZ DE 1998.

CORREIA, M. A. *Representação e ensino a música nas aulas de Geografia: Emoção e Razão nas representações Geográficas*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, 2009.

CORREIA, M. A. *A função didático-pedagógica da linguagem musical: uma possibilidade na educação*. *Educar*, Curitiba, n. 36, p. 127-145, Editora UFPR, 2010.

DAMIANI, A. L. *População e Geografia*, 9º ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ELIAS, D. e PEQUENO, R. *Espaço urbano no Brasil agrícola moderno e desigualdades socioespaciais*. Terra Livre, Goiânia, v. 2, n. 25, 2005.

FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1996.

GODOY, M. L. P. *A música, o Ensino e a Geografia*. (Monografia Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG.

GREENPEACE INTERNACIONAL, Conselho Europeu de Energia Renovável (Erec), *Revolução energética a caminho do desenvolvimento limpo*, edição brasileira, Dez 2010, disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/Global/brasil/report/2010/11/revolucaoenergeticadeslimpo.PDF>, acesso em 19/11/2013.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

JORNAL O GLOBO, *Brasil tem 200 mil pessoas em situação de trabalho escravo*, Publicado: 17/10/13 - 12h41, disponível em <http://oglobo.globo.com/pais/brasil-tem-200-mil-pessoas-em-situacao-de-trabalho-escravo-10402682> acesso em 20/11/2013.

JORNAL ESTADÃO, *Não foi tempo perdido*, Estadão/cultura, publicado em 23 de outubro de 2010- 8h 00, disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,nao-foi-tempo-perdido,628507,0.htm> acesso em 15/10/2013.

LACOSTE, Y. *A Geografia-isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra*, 14ª ed. Campinas: Papirus, 2008.

LEGIÃO URBANA, *Discografia Legião Urbana: A Verdadeira Legião Urbana são vocês* (R. Russo), disponível em <<http://legiaourbana.com.br/discografia>> acesso em 10/07/2013.

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA, *Resenha Energética Brasileira*, Exercício de 2012, Edição de Maio de 2013.

MÜHLSTEDT, L. “*Geração Coca-Cola*”: *As representações da juventude e do seu comportamento no Pop/Rock dos anos 80*. (Monografia em História), Universidade Federal do Paraná, CURITIBA, 2004.

MUNIZ, A. *A música nas aulas de Geografia*, Revista de Ensino de Geografia, Uberlândia, v. 3, n. 4, p. 80-94, jan./jun. 2012.

OLIC, N. B. e CAPENA, B. *África Terra, sociedades e conflitos*, São Paulo: Moderna 2008.

OLIVEIRA, A. U. *A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária*. Estudos Avançados nº15, v. 43, p. 185-206, 2001.

PAULA, L. R. de, 2004. *A produção musical como recurso didático em aulas de Geografia*. (Monografia Licenciatura em Geografia). Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas da Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2004.

PEREIRA, S. S. *Reflexões sobre a prática de ensino e os recursos adotados nas aulas de geografia: A utilização de músicas em sala de aula por professores do município de Campina Grande, PB*. Geosaberes, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 88 - 99 ago. / dez. 2011.

PRADO, G. S. *A juventude dos anos 80 em ação: música, Rock e crítica aos valores modernos*. Revista Desenredos - ISSN 2175-3903 - ano III - número 10 - Teresina - Piauí – julho/agosto/setembro/2011.

PONSONI, N. B. *Direito do mar na Constituição de 1988. O impacto das usinas nucleares no ambiente marinho*. (Mestrado em Direito)-Faculdade de Direito, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

RIBEIRO, D. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROCHEDO, A. C. *Os filhos da Revolução, a juventude urbana e o rock brasileiro dos anos de 1980*. (Mestrado em História) Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2011.

SANTOS, F. O e SILVA, R. G. *Climatologia e livro didático: Uma proposta metodológica para a segunda fase do ensino fundamental*, Anais do 8º Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica, Alto Caparaó-MG, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 24 a 29 de agosto/2008 .

SCARPATO, M. *Didática e desenvolvimento integral*, 1ª edição, São Paulo: AVERCAMP, 2012.

SCHROEDER, H. *A Música como linguagem de ensino de Geografia*, O Professor PDE e os desafios da escola pública Paranaense, Produção Didático-Pedagógica, Programa de Desenvolvimento Educacional, GUARAPUAVA – PR, 2008.

ISBN 978-85-8015-040-7, Disponível em:
http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2008_unicentro_geo_md_helio_schroeder.pdf

SILVA, J. G. *Velhos e novos mitos do rural brasileiro*. Estudos Avançados nº15, v. 43, p. 37-50, 2001.

SILVA, M. A. M. *Produção de alimentos e agrocombustíveis no contexto da nova divisão mundial do trabalho*. Revista Pegada, vol. 9. n. 01-junho/2008.

SILVA, R. S. e SILVA, E. M. *O Rock nacional dos anos 80 dá o seu recado “Carta aos Missionários” - banda Uns e Outros*. Anais do XVI Colóquio Internacional da Escola Latino Americana de Bauru, Unesp Bauru, 08 a 10 de Agosto/2010.

SOUZA, R e PASSOS, M. M. *Algumas reflexões sobre o Território enquanto condição para a existência da Paisagem*. Programa de Pós-Graduação (Mestrado em Geografia) FCT/UNESP, Presidente Prudente, 2007.

TOLMASQUIM, M. T; GUERREIRO, A; GORINI, R. *Matriz Energética Brasileira, uma prospectiva*. Novos Estudos 79, NOVEMBRO/2007.

VESENTINI, J. W. *A questão do livro didático no ensino da Geografia*. In: VESENTINI, J. W. (org.). *Geografia e ensino. Textos críticos*. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

VESENTINI, J. W. *Geografia Geral de do Brasil*, São Paulo: Ática, 2009

VIEIRA, L. *Morrer pela pátria? Notas sobre Identidade Nacional*. Revista Política & Sociedade - ISSN 2175-7984, Nº 09, Florianópolis - SC - Brasil , Outubro 2006.

ANEXO

Depoimentos dos ex-integrantes da Legião Urbana Dado Villa-Lobos e Marcelo Bonfá a respeito de cada um dos discos, publicado pelo jornal Estadão em 23/10/2010.

Sobre o álbum : “Legião Urbana”

Dado Villa-Lobos: *“A história da nossa adolescência estava ali. O disco traduz o momento que o país vivia: a redemocratização. Estávamos aprendendo a lidar com tantas novidades”.*

Marcelo Bonfá: *“A gente brigou com vários produtores porque eles queriam que a gente fizesse um som que achavam que a gente sabia como era, mas a gente não sabia! Só sabíamos fazer punk-rock”!*

Sobre o Álbum: “Dois”

Dado Villa-Lobos: *“No dois, rolou aquela sensação que bate no 2º álbum: o que vamos fazer agora? Vamos ser um grupo de rock mesmo? Vamos continuar nesse caminho?”*

Marcelo Bonfá: *“Foi complicado. Eu estava morando sozinho no Rio e comecei a entrar em parafuso. Tinha uma pressão forte externa e uma pressão minha. Acho que foi um dos que mais vendeu. Mas foi um parto”.*

Sobre o álbum “Que país é esse”

Dado Villa-Lobos: *“O grupo estava querendo fazer canções novas naquela época, mas a gente tinha que lançar um disco novo e acabou sendo muito divertido regravar coisas do aborto elétrico”.*

Marcelo Bonfá: *“Gostávamos muito das músicas, elas são responsáveis pelo que fazemos até hoje. A preocupação ali era a sonoridade. Por isso acho que este disco, em termos de sonoridade, é o melhor de todos”.*

Sobre o álbum : As quatro estações

Dado Villa-Lobos: *“O sucesso anterior de ‘Que país é este’ nos deu tempo para gravarmos de uma maneira e por um caminho diferente do que havíamos feito antes. Ele é mais espiritual, menos material, menos urgente”.*

Marcelo Bonfá: *“Tivemos muitos problemas com o (baixista) Renato Rocha. Ele esquecia o baixo, chegava atrasado. Eu e o Renato Russo achamos o momento de afastá-lo. A gente nunca se entendeu”.*

Sobre o álbum : V

Dado Villa-Lobos: *“Foi feito na época do Collor que agora, infelizmente, está de volta à cena política. Era um momento esquisito, havia um sentimento de revolta geral. Por isso o disco tem uma certa raiva nas canções.”*

Marcelo Bonfá: *“Já estávamos escravos da tecnologia. Ficava todo mundo dentro do estúdio com fones de ouvido. Sentamos todos na mesma sala e o disco foi todo feito assim”.* Na entrevista publicada pelo jornal Estadão, não existe registro de depoimentos de Dado Villa-Lobos ou Marcelo Bonfá sobre esse disco.

Sobre o álbum : O descobrimento do Brasil

Dado Villa-Lobos: *“A gente tinha chegado à conclusão de que iria fazer canções com um formato mais pop. A ideia era pensar em vários ‘singles’, mas sempre tratando de questões importantes”.*

Marcelo Bonfá: *“Me lembro da gravação do vídeo da música título. A gente foi pro rio gravar o clipe e foi uma produção super legal, com figurinos e tudo mais, como a gente nunca tinha feito”.*

Sobre o álbum : A tempestade

Dado Villa-Lobos: *“Foi quase um disco de despedida, apesar de isso não ter sido percebido durante a feitura. Hoje a gente consegue ver, depois que tudo já passou. Foi um disco difícil, mas está aí”.*

Marcelo Bonfá: *“A gente já falava com o Renato mais pelo telefone do estúdio. Foi complicado, ele já não estava bem e a gente sabia que precisava tocar o barco. Era a melhor coisa a fazer para ele e pela gente”.*

Sobre o álbum : Uma outra estação

Dado Villa-Lobos: *“É um projeto póstumo, o Renato já não estava mais entre nós. E era um disco meio urgente pra fechar tudo aquilo que foi a Legião Urbana, a produção musical no estúdio”.*

Marcelo Bonfá: *“O melhor de nós nesse projeto. De fato, ‘Uma outra estação’ foi o último disco. Apesar de as músicas gravadas nele serem belíssimas, é um álbum realmente muito triste”.*